

JOAQUIM FERRER

RAMPAGODOS

ROMANCE



LIVRARIA PORTUGÁLIA

LISBOA
1 9 4 1

Desenho de

António Augusto de Oliveira

JOAQUIM FERRER



RAMPAGODOS

LISBOA

1 9 4 1

A MEU PAI,

DR. MARQUES FERRER

ÍNDICE

	Págs.
O Sítio.....	7
Primeiro	9
Segundo	13
Terceiro.....	17
Quarto	20
Quinto	22
Sexto	24
Sétimo	25
Oitavo	26
Nono	28
Décimo.....	30
Décimo Primeiro.....	32
Décimo Segundo.....	36
Décimo Terceiro	38
Décimo Quarto.....	41
Décimo Quinto.....	43
Décimo Sexto.....	46
Décimo Sétimo	50
Décimo Oitavo.....	52
Décimo Nono.....	55
Vigésimo.....	61
Vigésimo Primeiro	69
Vigésimo Segundo	78
Vigésimo Terceiro	81
Vigésimo Quarto.....	87
Vigésimo Quinto.....	95
Vigésimo Sexto.....	101

	Págs.
Vigésimo Sétimo.....	105
Vigésimo Oitavo	107
Vigésimo Nono	109
Trigésimo	111
Trigésimo Primeiro	113
Trigésimo Segundo	119
Trigésimo Terceiro.....	121
Trigésimo Quarto	123
Trigésimo Quinto	131
Trigésimo Sexto	140
Trigésimo Sétimo.....	143
Trigésimo Oitavo	148
Trigésimo Nono	151
Quadragésimo	156
Quadragésimo Primeiro	164
Quadragésimo Segundo	171
Quadragésimo Terceiro.....	174
Quadragésimo Quarto	175
Quadragésimo Quinto	181
Quadragésimo Sexto	188
Quadragésimo Sétimo	192
Quadragésimo Oitavo	198
Quadragésimo Nono	202
Quinquagésimo	207
Quinquagésimo Primeiro	213
Quinquagésimo Segundo	217

O SÍTIO

Quem chega à vista de Crispim, pela estrada poente, encontra pela direita uma barreira a subir plantada de grossas oliveiras, torcidas e antigas. Na boa época semeia-se ali o centeio, e mais acima, tremoçal de flor branca. Uma boa parte do tremoço não chega a chocalhar: aí por abril, ainda no verde, é acravado numa cava ligeira para dar força ao terreno e virar no azeite.

Mais para cima, sobre três leirões, sombreados de parreiras e hortaliça, é a casa do dr. Rezende. É um casarão antigo, de grossas paredes muito frescas no verão, recoberto dos telhados da

Beira, quási planos e muito saídos em beirais, onde, na primavera, fazem ninho as andorinhas.

Crescem heras e herbáceas nos muros de lapa solta, numa confusão de folhas e caules. As cepas de vinha sobem até onde começa o pinheiral, e as acácias de florescência amarela dão cor e perfume no estio para libação das abelhas e besouros.

Chamam-lhe ali Rampagodos: pinheiros, bouça, olival, barreira de Rampagodos. E a casa tomou o nome do sítio.

E das trevas surgiu
um corpo...

PRIMEIRO

Adrião da Silva Rezende foi nascido em dia santo de guarda, de Santo Adrião, muito considerado naquelas terras; por isso D. Ana Alves da Silva Rezende insistiu para que ele tomasse o nome do santo.

— Não era por mais nada, mas havia de se chamar Adrião — impunha D. Ana; e pensava muito que talvez fosse um favor do santo, apesar das muitas dores que lhe custara, o nascimento do filho em dia tão sacro. Meditava muito naquilo, secretamente, não fosse o Francisco supô-lo.

Francisco da Silva Rezende era dos

tempos da Propaganda e não suportava os padres nem os santos. Nah, transigira uma vez com a igreja, no casamento, nem sabia porquê. Agora, não. Tudo o que lhe cheirasse a igreja dava-lhe volta, lá dentro.

D. Ana, conquanto fosse de uma família republicana, liberal já do tempo do Caceteiro, fora educada muito na santa religião por influência de sua mãe D. Antonina.

Depois do parto esteve mal, ainda com umas dores e uma interminável hemorragia que parecia levar-lhe as entranhas.

Foi a velha amiga da casa, a D. Eulália, que primeiro lhe fez notar o extraordinário do acontecimento se ter dado precisamente no dia do santo padroeiro.

D. Ana estendida nos lençóis, muito pálida, punha os olhos no menino, entre fraldas, e considerava aquelas palavras da D. Eulália. Tinha muitos vômitos, e, nos intervalos, quando o chá de laranja lhe dava mais calma, não deixava

de pensar que o menino se havia de chamar Adrião.

— Francisco, o menino há de ser Adrião! É um nome bonito e eu gosto dele — (escondeu a razão íntima da preferência).

Francisco já tinha escolhido um, e bonito também: Vitor Hugo.

E quis explicar:

— Minh'Ana, Vitor Hugo foi um grande poeta... um dos que viveu depois da Revolução, da francesa... Um dos maiores que...

Mas D. Ana, muito pálida, insistiu por Adrião. Depois, enlaçando aquele pequenino ente feio, arroxeadado, beijava-o sofregamente. Insistiu por Adrião, alegando mesmo que vinha num romance muito bom; e com tal firmeza insistiu que quási o fez desesperar. Contudo ainda teve uma esperança; e acrescentou num suspiro:

— O dos «Miseráveis», querida...

Mas D. Ana não quis saber dos «Miseráveis», quis que ele tomasse o nome do santo.

D. Ana tinha lido nos tempos do namoro dois volumes dos «Miseráveis» que o Francisco lhe deitara por cima do muro, ao pé da figueira; mas não se lembrava já.

E o menino ficou Adrião.

SEGUNDO

A criança foi crescendo, sozinha, no meio daquele imenso casarão antigo.

Nas paredes, muito espessas, de um amarelo de há muito tempo, havia um ou outro quadro apainelado, guardando retratos de velhos avós.

O menino, um dia, depois da mamação, deixou-se escorregar do colchãozinho cor de rosa e começou a gatinhar...

Foi uma revelação! Arrastou-se, num grande impulso, por um daqueles taboões largos de castanho antigo. Foi avançando, avançando em direção à claridade do janelinho de ao pé do fogão.

A luz atraía-o. Depois, teve uma hesitação: voltou a cabecita e olhou para trás... O colchão, uma jangada no meio daquele sobrado nebuloso, ficava longe, lá muito longe, a uma distância impossível!

Adrião sentiu-se inquieto. Apertou-se-lhe a garganta e chorou aflitivamente. Parecia compreender algo daquele desamparo no meio da imensidão.

Aquela mulher muito grande, chegou em grandes passos, e deitando-lhe a mão, ergueu-o no espaço.

Mas o menino continuou a chorar, e, agora, mais dolorosamente: sentia um mal terrível, lá dentro, no fundo, no corpo... Então, a mãe descobriu uma daquelas coisas, redondas, quentes, enormes, que Adrião agarrou e chupou sofregamente. Era o maior, o único prazer do menino sugar o leite, tão quente e tão bom. Sentia que se acalmava e gozava alguma coisa dentro dele. Tinha frêmitos de prazer intenso. Estremecia de ansiedade, quando via saltar da blusa um da-

queles grandes e redondos seios, muito brancos, macios e saborosos.

Conhecia bem o gesto magnífico do abrir da blusa: excitava-se num gozo próximo; atraía-lhe as mãos, os braços, o corpo. Depois, era um doce torpor, uma suavidade que vinha do mais profundo de si mesmo e o envolvia.

A luz e os sons do exterior iam-se esbatendo e apagando, ligeiramente, serenamente, e de todo se esvaneciam... E o menino, então, começava a deslizar num sonho...

... Os seus joelinhos, tenros, seguiam ligeiros atrás das mãos, a gatinhar...

Os tabuões, negros, não magoavam nem eram tão frios como há pouco: tinham a macieza e quentura daquela Mão. Lá adiante, no meio do ar leitoso, balançava a claridade...

Mas, ai, o colchão ficava muito longe, tão longe que o menino sentiu-se desamparado, e um soluço lhe estremeceu na garganta. Foi então, que entre as lágrimas

mas a rolar, viu aquela mão enorme e tépida que o transportou, num instante, do desespero à salvação.

E logo saltou da blusa aquele redondo seio doce, que o acalmou e lhe deu confiança na vida.

TERCEIRO

Passaram mais uns dias, até que hoje o menino, debruçando-se do colchão, viu o espaço e começou a descer... Lá foi, pouco a pouco, pela tábua fora, entre as duas frinchas de um lado e doutro. Aproximou-se, receoso, daquele valado compridíssimo, entre as duas tábuas, e seguiu. Foi andando, andando sempre, na direção daquele rasgão da treva de ao-pé do fogão. Olhou para trás e já o colchão lhe não parecia tão longe — e riu. Avançou mais e mais, sem parar nunca. E o colchão não lhe parecia já terrivelmente distante. E recomeçou à marcha heroica para a maravilha.

Baixou de novo a cabecita calva para o trilho da sua estrada. Mas — ó horror! viu avançar para ele, vertiginosamente, implacavelmente, uma coisa estranha, negra, um monstro como nunca tinha imaginado.

Deu um grito. Despedaçou o ar numa aflição de gritos.

Fitava o monstro na sua corrida esmagadora, e sentiu-se perdido.

Talvez, nesse momento, a beleza do leite e do seio alvo de onde ele nascia — a origem, o porquê do leite — lhe tivesse atravessado o cérebro, contrastando com aquele ser repelente e horrível, que avançava, avançava na sua direção... Era a destruição de tudo, de Tudo...

E nesse momento já quasi sem esperança, em que o monstro o ia devorar, nesse momento supremo, chegou de novo, como sempre, aquela mulher enorme, que, salvando-o pelos ares, lançou um pé imenso sobre *aquilo* e disse, enquanto ia descobrindo o seio:

— Um bicho!... Puf!...

Começou nesse dia a conhecer o *mal*. — O bicho.

E aquela mulher esmagou o mal e chegou-lhe o bico do seio de onde corria o *bem*.

Nas semanas seguintes havia nos sonhos da criança dois elementos que lutavam em lutas terríveis. Era o *leite*, confundido na mãe, contra o *bicho*!

O leite vencia sempre, sem nunca tocar, nem ao de leve, aquele ser repelente, símbolo da fealdade, da dor, da fome e do choro.

Um dia, aquela falha do sobrado que lhe penetrou fundo, nas carnes, fê-lo gritar de dor — e logo na ideia surgiu o bicho, a única origem de tudo o que é mau.

QUARTO

Mais dias e mais semanas foram passando.

Agora, após centenas de tentativas já sabia agarrar os pés. Era uma coisa engraçada um pé. Tinha curvas, refegos e buracos. Tinha dedos.

E era tão bom meter aquele dedo maior na boca! Adrião passava horas a chupá-lo. Lembrava-lhe a mama. Parecia-lhe sentir o bico do seio, tépido, indefinível, redondo...

A sofreguidão era tamanha que nem sentia a unha. Mas quantas e quantas vezes lhe parecia que do dedo grande do pé não saía leite nenhum!

Era uma dúvida. Haveria leite no dedo grande?

Talvez houvesse, às vezes, porque o dedo na sua boca era quási tão bom como o bico do seio...

E aquela coisinha comprida, cá mesmo ao cimo das pernas!...

Que engraçada coisa! As vezes molhava o colchãozinho: ficava tão frio.

A meio daquele vasto espaço da barriga, onde sentia às vezes a dor, e a pior, a que o leite curava — descobriu por acaso um buraquito não muito grande. Meteu-lhe o dedo. Quis meter-lhe a mão, mas não cabia. Começou a escarafunchar, a querer seguir, a querer furar...

Mas doía-lhe; só era bom não indo mais além. Então, sentia por toda a barriga curiosas sensações.

De outra vez, fazendo explorações na cabeça (coisa que ele não via) reconheceu dois buraquinhos, pequenos, por cima da grande boca, onde era bom o dedo grande do pé e o seio redondo daquela mulher imensa. Eram dois buraquinhos — e fundos. E que coisa que às vezes lá estava e lhe besuntava os dedos!

QUINTO

Conhecia tudo. Sabia distinguir cada coisa.

No seu pequeno cérebro havia lugar para tudo. Todo o mundo do quarto e do seu corpo era transportado para o cérebro; ficava ali armazenado em imagens, ora luminosas, ora esbatidas, ora recobertas de um véu imponderável.

Ele era o espelho de tudo quanto havia.

Certo dia, a grande mulher pegou nele, abriu na parede um buraco em direção à luz, e saiu. Adrião ficou deslumbrado. Tanta luz!

Adrião olhava e não via... Era imenso, era impossível. Era incompreensível. E Adrião chorou. As lágrimas saltaram, rolaram, e dos seus olhos desapareceu tudo em grande nevoeiro, como num sonho de leite.

SEXTO

Os meses foram passando. O menino sabia já caçar bichos e aprendera a não fazer mija nos lençóis.

Gostava de mijar, pjj!... muito em segredo, debaixo do grande armário. Era divertido, era engraçado. Aquela coisa macia em que a mãe o metia no abismo da banheira, para o lavar, também ele a sabia fazer — pjj!... debaixo do grande armário!

Uma tarde, sob a cama vastíssima dos papás, deteve-se à beira de uma espécie de baciazinha, funda, muito cheia. Meteu o dedo, meteu a mão, meteu-lhe a pantufa da mamã.

Assombro: não se afundava!

Tinha descoberto a navegação.

SÉTIMO

A mãe tinha-o no colo e apontava aquele grande homenzarrão, muito feio e estranho. Dizia:

— É o papá, é o papá!

Era o papá e tão desmesurado como a mamã.

Quem seria pois aquela gente? Da mamã vinha o leite; era ela que lhe dava paparoca e outras coisas mais. Mas aquele animal imenso e feio — o papá? Seria um bicho?

Ele já não temia os bichos; sabia caçá-los, derrotá-los... Mas aquele grande e feio... seria com certeza arriscado caçá-lo?...

OITAVO

Adrião era o centro do mundo.

Tudo girava à sua volta. Nada escapava à sua atenção. O mais mísero objeto era visto e revisto, virado e revirado, palpado, provado, medido. Esquadrinhava todos os lugares do mundo que o seu braço atingia. Os segredos mais estranhos eram violados ao cabo de um instante.

Um dia, olhando o teto viu a lâmpada, e meditou:

— De onde viria a luz? Ora, por detrás da lâmpada (de trás das coisas está o segredo, a origem, a causa; ele o tinha constatado muitas vezes, desarredando cadeiras, almofadas, abrindo portas e janelas; o próprio gato estava quási

sempre atrás das coisas, espreitando, aninhado, escondido)... ora, por detrás da lâmpada está o teto... para lá do teto está o sol...

Era pois o sol que vinha por ali abaixo aninhar-se, esconder-se, como o gato, no vidrinho redondo.

Uma tarde, ao colo da mamã, perguntou:

— De onde vem a caca?

A mamã fez uma cara muito feia e deu-lhe uma palmada.

— Cale-se, seu porco.

Era então porcaria querer saber! Adrião pôs-se a chorar, mas, no fim, tinha descoberto: «a caca vem da barriga!»

NONO

Agora já não havia mesa nem cadeira onde Adrião não trepasse. Assaltava-as num ímpeto, tomava-as dum pulo. Do grande cadeirão, muito alto, muito preto, na grande sala, Adrião gostava de examinar tudo. Empertigado, olhar no espaço, seguia à roda, sobre os pregos amarelos de latão. Fixava-se num ângulo, parava, e lançava um grande olhar penetrante.

Surpreendia carantonhas nas manchas da parede, catacumbas nos buracos do caruncho.

Imaginava bichos temíveis, burros deslizantes, de rabo alçado. De um

salto caía sobre eles, torturava-os, esmagava-os. E tinha a impressão de acabar com uma espécie!

Depois, vinha o gato e eram correrias sem fim. Bicho estranho. Era meigo e arranhava, era macio e tinha garras. Tinha bigodes, tinha um risco nos olhos.

Ficava horas e horas de barriga no ar, seguindo o voltejar das moscas, apurando o ouvido ao grande zumbidoiro.

Reconhecia um motor em cada mosca. E nunca fora capaz de apanhar uma só. Bicho ligeiro e ligeiro!

DÉCIMO

Um ano passou e mais outro.

À tarde, quando as sombras começam a alongar-se nas estradas, ia passear com o papá.

Entravam nos campos e Adrião afundava as pernas entre milhões de corolas. Nos caminhos havia quantidades imensas de formigas. Adrião atirava-se ao formigueiro e espezinhava, destruía, esmagava. Papá não gostava daquilo e dizia que nunca se deve matar os animais.

Não se deve? Porquê?... Os animais, os bichos... Era um prazer matar, matar, destruir...

Mas também gostava de construir.

Fazia tudo. Carros de uma tábua. E andavam, mesmo sem rodas!

A almofada grande, que estava no canapé de palhinha, era o automóvel. Palpava-a: sentia-lhe dentro o motor.

Uma cadeira da sala, derrubada, era um comboio. Carregava num certo sítio, que só ele sabia, e a cadeira dava um apito que só ele ouvia.

Não sabia fazer barcos: esquecera a navegação. Só mais tarde, reaprendeu, quando o papá lhe construiu um de jornal. Quis logo saber daquela arte tão difícil e complicada. Quantas dobras e voltas eram necessárias à perfeição e segurança de um barco.

A bacia dos pés ia-se tornando cada dia mais pequena para as audácias da sua arte náutica.

Ansiava por mais vastos espaços de água, uma bacia de pés imensa: então, ele, estendido sobre a barriga, na margem, a inchar as bochechas, a soprar sempre, sempre, até ao horizonte, um grande barco da sua invenção...

DÉCIMO PRIMEIRO

Esta redonda esfera de terra, água e bicharada, ia rolando, rolando nos espaços sem fim.

As grandes forças da matéria universal davam-lhe movimento, impeliam-na, arrastavam-na para algum sítio de luz ou de treva que Adrião não supunha.

Na grande bola, à flor da terra, entre milhos, batateiras e grão-de-bico, Adrião ia crescendo, deitando raízes fundas no húmus fremente de seivas adormecidas.

O pequeno rebento da terra, preocupava-se agora mais com as coisas do ar. Os formigueiros, os lagartos verdes da couve, os caracóis de cornichos espi-

cha-encolhe, os bichos-de-conta e outros bichos interessavam-no agora menos do que os velozes besouros de motor, o cimo das árvores e o mistério das estrelas.

O menino andava de nariz no ar interrogando o céu, estremecendo ao ruído de uma asa, ao zumbir de um tira-olhos. Precipitava-se, nervosamente, sobre o intangível, quedava silencioso (silêncios plenos de inquietação) perante o rasto fugidio de uma estrela cadente.

O mundo desenrolava-se a seus olhos cada vez mais rápido, mais vasto e pleno de mistério.

A terra foi rolando, flutuando: passaram os meses, os sóis e as luas sobre ela.

O menino crescia, olhava e sentia tudo fremente à sua volta.

Já tempos tinham passado desde quando o menino, ao colo da mãe, estendera o braço para a lâmpada acesa e pedira:

— Ó mãe, dá-me a lua!

Agora ninguém já o iludia em distâncias astronómicas, só talvez possíveis para a mão de algum gigante.

Adrião gostava das grandes alturas, admirava os pássaros, invejava-os secretamente.

Quanto daria por uma asa no seu corpo!

Já vezes sem conto enlaçara o tronco da figueira do quintal. Queria chegar lá acima, devassar o reino dos pássaros. Erguia torres de cadeiras, bancos e caixotes. Mas quanto mais alto os erguia mais depressa ruíam. Caíam, desmoronavam-se num impressionante estrondo.

E, detrás da porta, surgia a mamã com um castigo para cada audácia.

Outro dia reparou no poleiro das galinhas.

Abriu a cancela, receoso, e deitou os pés ao primeiro degrau. Fez como as galinhas: trepou, trepou até lá acima e viu como tudo cá em baixo era mesquinho. E então foi a queda.

Veio a Maria, a criada: bateu-lhe, limpou-o.

Depois foi a mamã: bateu-lhe, chamou-lhe porco.

Sempre batido, escorraçado, caído dos seus sonhos, das suas audácias, dos seus desejos mais intensos.

DÉCIMO SEGUNDO

Quando, no fim do jantar, papá e mamã iam passear pela estrada fora, Adrião ia também.

— Anda daí, Adrião, vamos passear.

As oliveiras, cor de pó, lançavam ramos carregados por cima dos muros. Os ralos rezingavam, os sapos da sua fealdade tiravam doces pios.

Papá e mamã falavam todo o caminho de estranhas, incompreensíveis coisas. Às vezes, a cara deles parecia zangada: a testa enrugada, o gesto mais vivo.

Adrião sentia uma curiosidade de tudo o que via. Eram as folhas tremendo nos choupos, à beira d'água, o musgo

trepando nos muros, os bois de campainha, os rapazitos e os velhos que passavam. Qual daqueles seria o Papão? Que saco enorme, que funda carapuça! Seria aquele o Velho do Saco?

E a Boa Fada estaria naquela nuvem, lá muito longe? Não, detrás da nuvem devia estar Nosso Senhor, de grandes barbas, como o da avozinha, pendurado à cabeceira da cama.

E na igreja, lá mesmo ao fundo, onde estão muitas velas acesas, em cima de uma bonita nuvem pintada a cores, poisava Nosso Senhor, de longo manto roxo e longas barbas.

— Ó pai, detrás daquela nuvem está o Nosso Senhor?

— Tolices! Quem te ensinou isso?

Mas a mamã zangou-se e disse que Nosso Senhor estava no céu, aqui e em toda a parte.

DÉCIMO TERCEIRO

Adrião gostava de olhar, da janela, os rapazitos da rua. Eles andavam sempre em doidas correrias, uns atrás dos outros, rebolando e gritando. Adrião queria também rebolar e brincar.

Um dia, aventurou-se, abriu o trinco da porta e saiu.

Aproximou-se, cheio, de emoção, e ficou-se a olhar com um dedo no nariz. E os garotos viram-no, pararam de brincar e agarraram-no.

— Vem daí, ó pá!

Levaram-no de roldão, formaram em roda.

— Vamos aos cavalos... Amocha!

Saltou-lhe um em cima. Era pesado, era o Chico. Adrião foi andando, custava-lhe a andar naquela posição; mas o Chico dava-lhe palmadas.

— Eh, cavalo! Eh, cavalinho!

Entretanto, a mamã veio à janela, deitou a cabeça: deu um grito. Adrião assustou-se, caiu.

Voltou com um joelho a sangrar, esfolado, pela mão da Maria. Depois foram ralhos, açoites, pancadas.

A mamã tinha dito, muito áspera:

— Já disse, já disse! Não te quero com os garotos da rua. E bateu-lhe, berrou-lhe e fechou-o no quarto escuro.

Não podia andar com os *garotos*! Nunca podia fazer nada do que mais queria. As torres caíam, as aves fugiam, o gato arranhava; e agora que ele tinha descoberto a coisa difícil e maravilhosa de imitar o cavalo, batiam-lhe, fechavam-no no horrível quarto escuro.

Revoltou-se. Deu com os punhos e com os pés na porta, gritou, chamou, suplicou:

— Mamã, mamãzinha, tira-me daqui!

Mas a mamã, na saleta, cosendo as meias num ovo de pau, não quis ouvir.

E por detrás daquela porta, que o separava do mundo, ficou-se o menino a soluçar...

Ele sentiu a solidão, sentiu o escuro, e viu que para ser livre era preciso estoirar aquela porta e vencer a mamã!

DÉCIMO QUARTO

Outros meninos foram crescendo naquela casa.

Era preciso saber de onde eles vinham; ele mesmo devia ter vindo de algures.

— Mamã, donde vêm os meninos?

A mamã, então, explicou que quando era preciso se mandavam vir de Paris, dentro de um cestinho.

Ele agora lembrava-se: já vira num bilhete postal um pássaro muito grande, entre nuvens, com um cestinho no bico, onde estava sentado um menino muito bonito.

Como era simples. Sabia já de onde vi-

nham os meninos... Ah, mas havia uma coisa: é que a mamã dissera que os cestinhos eram despachados no caminho de ferro. E surgiu a grande dúvida. Seria o comboio ou seria o grande pássaro que os trazia? E Adrião calou-se a meditar: ele descobriria a verdade!...

DÉCIMO QUINTO

Adrião alcançara já, num esforço heroico, os ramos fundeiros da figueira. Mas aquele desejo intenso de subir, subir mais alto, passara para segundo plano. Hoje o que mais o interessava era a rua, os garotos, os grandes jogos. Ah, a rua! Como é bela, como é feliz! Ele ansiava por se lançar naquelas tormentosas batalhas do pião e da pedrada. Sentia a emoção quando via, de longe, as grandes competições dos jogos e das corridas da rua.

Ele saltava, ria, berrava, quando *eles*, lá fora, jogavam a barra, a pinga, o eixo.

No jogo das nações ele queria ser a

França, o Porto, Alcabideque. (Não sabia ainda o que era uma nação).

O papá, à noite, ao serão, entre duas biscoas, falava muito com o Recebedor, o Dr. Almeida, o da farmácia: da China, da guerra da China, do Japão.

Adrião decidiu-se pela China:

— Papá, eu quero ser a China!

O papá riu e o Dr. Almeida chamou-lhe doidinho.

E o jogo do botão, o chincalhinho, o fito!

Quando a mamã costurava, lá dentro, no divã, ele lançava olhares de cobiça para os botões que luziam, apetitosos, nas caixinhas e gavetas da costura. Decidiu arrostar com todos os perigos: havia de sair, alcançar a rua. Havia de ser a China!

A Maria estava a temperar a panela, a mamã fazia uma renda sem fim, enquanto a mana Balau mamava, ao colo. O papá só viria para o jantar.

Tudo estava num grande silêncio. Só da cozinha saltava de quando em quando o crepitar da frigideira. Chegou-se à ja-

nela: não havia dúvida, *eles* lá estavam: bem os ouvia.

Desceu ao quintal, abriu o portão. Sentiu o seu coração bater de ansiedade.

Por cima do muro viu a figueira, muito grande e muda. Depois a esquina, o telhado e nada mais...

Só ouvia gritos: França! Portugal! Alemanha!...

Ah, que aventura! Brincara, jogara, conhecera o mundo. Sabia fazer de cavalo e cavaleiro...

Fora o Japão. (Já havia a China: era o Chico).

Tinha rebolado, tinha mesmo deitado o pião.

Tinha sido o Japão. Voltou radiante.

A mamã ainda lá estava a prolongar a tal renda com a Balau no colo. A Maria cantarolava, lá... lari... loléla, lá... lari... loléla...

DÉCIMO SEXTO

— Padre nosso que estais no céu...

E Adrião com enfado repetia:

— Padre nosso que estais no céu...

— Santificado seja o vosso nome...

— tornava D. Antonina.

— ... Santificado seja o Nosso Senhor...

A avó zangou-se.

Que ele não estava atento, que era um pecado, um desaforo. Uma coisa tão santa: a Doutrina... Que tristeza um neto assim!...

E lamentava-se, muito azeda, numa dor sem paixão, e cheia de zelos.

— É demais, Adrião, é demais! São teus pais que têm a culpa, é sobretudo

ele. Devia dar-te educação, ensinar-te o bom caminho. Mas quê! nem ele o sabe. Um herege! Um incréu! Que desgraça a minha, que desgraça! Pobre Ana, pobre de mim!...

E ajeitava as lunetas fumadas, de aro branco, na ponta do nariz, muito agitada.

Adrião não gostava da avó: era feia (ele achava-a feia); usava um carapicho no alto da cabeça. Embirrava sobretudo com uma ruga funda, muito escura, arrepanhando a cara, da asa do nariz ao canto da boca, que mais escura e funda caía quando a D. Antonina entrava em cóleras.

Era muito da igreja a D. Antonina. Tivera de sempre as «suas coisas» com o defunto marido, velho republicano da revolução do Porto, um dos da rua de Santo António, da carga de cavalaria.

Fora um romântico. Estava furriel no Porto, a S. Jacinto quando foi da Revolta. Tinha ideias e pensou:

— Se tenho ideias é preciso mostrá-las. — E mostrou-as: rapou da escopeta

e, atando-lhe na ponta um lenço tabaqueiro às pintinhas, de barra vermelha, veio para a porta do quartel e gritou três vezes:

— Viva a República!

Mais tarde, quando veio da Costa d'África, de cumprir a pena, ficou alvoraçado ao saber que a Antonina ainda o amava e espantado de ver que a República ainda não tinha vingado. Casou e resolveu esperar pela Revolução.

Teve sempre uma grande esperança nos ideais de 89 e não menor em D. Antonina deixasse de frequentar a igreja ao domingo e dias santificados.

Finalmente, a República chegou no dia 6 de outubro a Crispim. Tinha sido implantada na véspera em Lisboa. Estava, enfim, realizado um sonho de 30 anos! Faltava o outro: a D. Antonina deixar os padres, as missas, as novenas: fazer-se uma ideia republicana.

Mas, ai dele! morreu de cálculos na bexiga, com um padre à cabeceira; nesse momento, quando o padre já quási era

só uma sombra escurecida, pareceu-lhe ouvir, muito longe, muito longe, os acordes do Hino que a D. Antonina lhe tinha tocado três vezes em vinte anos de matrimónio.

DÉCIMO SÉTIMO

Mais tarde a Aninhas casou. Seu velho pai não teve a felicidade de vê-la unida com um jovem correligionário.

Francisco da Silva Rezende saíra da Escola Médica do Porto com uma boa classificação. Era da aldeia, e de um espírito simples, quasi ingénuo. Por isso não lhe custou tornar à aldeia. Ele formara-se com dificuldades: não era rico. Foi um alívio e consolação para os velhos pais vê-lo colocado, a ganhar.

Chegou uma tarde a Crispim, de bicicleta. Trazia atrás, no suporte, alguns livros e umas roupas brancas para os primeiros dias. O resto viria na carroça do Carrachão.

Depois foi a carta, atirada por cima do muro, o namoro debaixo da figueira, e o casamento na igreja (nisto a D. Antónia não transigira).

— O quê? Ele pensa casar com uma filha minha sem ir à igreja! Nunca. Isso, nunca!

A Aninhas chorou toda a noite. Ele casaria pela igreja? Era uma infeliz: ele ia deixá-la, ia trocá-la por outra que casasse pelo Civil. Ia trocá-la talvez pela Elvira do chefe de Finanças. Esses não, não se importavam. Esses casavam-na mesmo na China, em Marrocos, com um homem já casado três, quatro vezes, com um harém...

Que infeliz, que desgraçada! Ora por que seria tão esquisita a mamã? Por que não haviam de casar só pelo Civil? E ele, o Fran (chamava-lhe Fran debaixo da figueira, muito juntos, separados pelo muro de pedra solta) o Fran porque não havia de casar pela igreja!

E realmente a D. Antónia foi a mais convicta: Fran cedeu e casaram-se no altar-mor, abençoados pelo abade Vouzelas, muito solene, muito seco.

DÉCIMO OITAVO

D. Antonina, às vezes, quando vinha da novena, confortada com as vozes tão doces das filhas de Maria, chamava Adrião e dizia-lhe:

— Vem cá, meu menino. Vou-te contar um conto... «Era um menino muito bonzinho»...

Adrião já o sabia de cor. Quantas vezes ouvira ele já o «Menino da mata e o seu cão Piloto»! Mas gostava, ainda assim... Era sempre novo. E a avó sabia contá-lo. Metia lobos com lume nos olhos, e luzinhas, de noite, na floresta, a dar, a dar... Dava arrepios a noite escura, árvores a ranger, mochos a esvoaçar, a piar...

O Piloto era um bom cão e ele gostava de ter um assim. Ah, quem lhe dera um Piloto e um Anjo da Guarda como os do Menino da Mata. Com um Anjo da Guarda e um Piloto assim, não tinha medo de nenhum dos da malta! Venceria o Pichorro, o Chico, O-da-Ponte.

A avó dizia-lhe então, muito grave, muito digna, que para ter um Anjo é preciso ser muito bonzinho, ir à missa e «amar a Deus sobre todas as coisas». E Adrião esforçava-se então por amar a Deus sobre todas as coisas. Amava a Deus com toda a força da sua alma e do seu desejo incontido. Queria vencer todos, dominar o mundo, o rapazio, a malta: por isso amava a Deus sobre todas as coisas.

Às vezes, fixando muito as lunetas de aro branco, pensava lá muito no fundo, no íntimo: com um Piloto e um Anjo podia mesmo não voltar à missa, nem rezar à noite com a avó!...

Não gostava da missa.

— Sais ao pai! — gritava D. Antonina, afogueada. — Sais ao pai, um herege, um perdido! — E pensava, muito secretamente, que ele saía também ao seu defunto marido. E uma ideia ruim a apoquentava e parecia espreitar, a rir, na sua alma...

— Não te perdoo, não te perdoo! Morreste sem confissão! — dizia a voz. Mas, então, alguma coisa parecia gelar a sua alma, negra daquela ideia, às gargalhadas loucas. E D. Antonina descerrava os lábios e murmurava, numa aflição, num fio de voz:

— Deus me perdoe! Deus me perdoe!...

DÉCIMO NONO

Ao domingo, pela manhã, muito cedo, D. Antonina acordava Adrião:

— Vamos, vamos à missa. São horas!

Ah, quanto lhe custava deixar os lençóis. A água tão fria, aquele farrapo tão áspero a rapar-lhe o pescoço. Adrião não gostava de lavar o pescoço. E a avó lavava com força.

— Uma velha com tanta força — pensava.

Iam muito cedo. As mulheres passavam, de preto, com os xailes pela cabeça. Diziam:

— A Senhora Dona Antoninha passou bem?

Iam para a missa. Não havia sons de campainha nos caminhos: os bois estavam nos currais a resmoer o feno: era domingo. Era cedo. O sol estava a um palmo acima da serra. Nos pinheiros andava uma neblina. Na beira das estradas as macieiras largavam as folhas amarelecidas. Nos taludes rolavam maçãs furadas do bicho. Adrião olhava as maçãs e olhava a avó. Mas ela vigiava. Sentia o estômago em revolta. Não sabia o que fazer...

Entretanto, entravam no adro. Já não havia maçãs e Adrião acalmava, não sentia mais a cobiça...

Agora, ia atrás da avó, na grande nave, por entre as saias negras das mulheres ajoelhadas.

E, antes de ajoelhar, de se benzer, de seguir a avó num padre-nosso lento, começou a sentir uma dor, um mal-estar nos joelhos. Mas tinha de ajoelhar.

Já fazia sozinho os três sinais da cruz, na testa, na boca, no peito: por causa das más palavras, pensamentos e obras.

No fim, dizia, sobrepondo as suas palavras às da avó: Ámen Jesus, Maria, José. E dava, então, um grande beijo na palma da mão aberta.

Havia um cheiro bom na igreja. E Adrião gostava daquele cheiro.

Em cada coisa, em cada vulto daquele mar de gente, Adrião punha o seu olhar.

Do outro lado, por debaixo do púlpito, ajoelhavam os homens. Quanto daria Adrião para ajoelhar como eles, com um só joelho em terra, à caçadora. Ah! quando fosse como eles, calça comprida, varapau no braço, cigarro na boca, havia de ajoelhar à caçadora! À ca-ça-dora!

A avó tinha um grande rosário de contas entre os dedos pálidos e bulia os beijos brancos num zum, zum, que Adrião não percebia. Por ali, à volta, todas as mulheres, de xaile no cabelo, tremiam os beijos, e na igreja era um bzz ... imenso.

O padre estava lá no cimo, vestido de branco e amarelo. Tinha umas grandes

saías de renda, e nas costas uma cruz enorme. À ilharga, o sacristão, muito gordo, de encarnado, tocou a campainha. Tocou-a três vezes.

Na penumbra da igreja as cabeças da multidão ondularam e baixaram três vezes: e, no ar, o zúido soturno foi subindo, foi mais profundo.

As velas ardiam nos altares. Pombas pareciam voar, pintadas no teto. Flores de papel, nos cristais, pareciam de jardim. Cruzes de prata e oiro faiscavam nos tronos dos altares. Resplendores espetados na cabeleira dos santos, lançavam ricas cintilações.

Adrião volvia a cabeça, cheia de sentimentos estranhos, de ideias absurdas e quedava respeitosamente. Por momentos parecia-lhe ouvir só um rumor, um sussurro indefinível, incoerente. Depois, acordava e sentia aquela moinha nos joelhos quebrados. E sentava-se, silenciosamente, nos calcanhares, enquanto observava do canto do olho o perfil da avó.

Custava-lhe a missa. Ansiava pelo fim. Quantas contas rezaria ainda a avó? Quantas vezes beberia ainda do cálix o abade Vouzelas?... Ah, o sacristão fechava o grande livro de fechos amarelos...

Adrião seguia à frente da avó. Ela segredava:

— Rezaste o padre-nosso, a avé-Maria, o credo?...

E Adrião mentiu.

Avistou a porta enorme por entre a franja dos xailes das mulheres. Ia uma nuvem muito redonda e cheia no céu, e Adrião pensou:

— Talvez estivesse lá o seu cão Piloto!

À saída, de cada lado da grande porta, estavam, muito fundas, muito cheias, as pias da água benta. Daquilo gostava. Meteu a mão, religiosamente, e, num largo gesto, com muita água, fez um grande sinal da cruz. E no seu cora-

ção, sentiu a necessidade de transformar a igreja numa vastíssima pia de água benta...

Ah, a nuvem ainda lá estava, a correr de encontro à serra. Os pinheiros eram mais verdes, o sol ia mais alto...

— Como era difícil conquistar um Piloto, vencer o Chico, o mundo, a avó!...

VIGÉSIMO

O abade, homem baixote e grosso, de compleição apoplética, vermelhuço, puxou do enorme cebolão e viu que era tarde. Ficou logo maldisposto e começou a resmungar:

— Ora o diabo! Ora o diabo!

Efetivamente era tarde; não que o serão em casa da D. Eulália fosse objeto de necessária pontualidade: mas, desta vez, o abade Vouzelas ia a outro negócio.

— Ora o diabo! — tornava ele.

Dava de perna a valer, forçando o seu costumado passinho miúdo.

Tinha chovido. Por isso o abade apa-

nhava um pouco a batina lustrosa, não fosse enxovalhar-se na lama. Resmungava contra o tempo, a lama, o Governo.

Era o abade João Vouzelas. Paroquiava há mais de trinta anos na vila de Crispim. Falava muito bem de púlpito e dedicava-se muito ao sermão do Encontro; dizia-se que para o sermão do Encontro não havia outro.

Saíra novo do Seminário do Porto. Fora, no seu tempo, uma boa cabeça para o latim; tinham dado que falar as inumeráveis estâncias de Virgílio e fábulas inteiras de Fedro, que ele armazenava na cabeça. Ainda agora citava muito em latim. Foi jeito que lhe ficou.

Ria muito forte, em grossas casquinadas, bebia-lhe bem e era tido por bom comedor em bodas e jantaradas.

O Eleutério da farmácia contava mesmo que, na festa de Rifães, o abade se portara como um *valente*...

Em Rifães é assim: duas sopas e uma série interminável de pratos de carne,

de borracho, de frango, de cabrito. Depois o arroz-doce, a aletria, o creme, o abafado, a fruta. São verdadeiros banquetes naqueles três dias de festa rija, em Rifães.

O Eleutério contava, pois, que o abade petiscara ao de leve a primeira sopa de caldo:

— Pouco sustanciosa! — dizia o abade num sorriso escarlate.

Na segunda, muito sólida, de pão, de carne e rodelas de ovo cozido, o abade entrou mais fundo. Nessa altura molhou a palavra, deu um estalo com a língua:

— Este é do fino! ó Eleutério, hein?
— E bateu-lhe no ombro, satisfeito.

O João Domingues, mordomo, acudiu logo com a picheira a transbordar.

— O senhor abade João está em sua casa! Ora faz favor, dá-me licença?...
— E encheu-lhe o copo grossíssimo, enorme, esbeçado.

Depois veio a carne assada com pimentos e pauzinhos de loureiro, a carne guisada com molho de rabcão, a carne

temperada com tomilho e muita cebola refogada, às rodelas. Em seguida os pastelões de carne picada, com grãosinhos de pimenta ao de cima, muito apetitosa, com um lustro amarelo de gema d'ovo tostada.

— Nah, não posso mais, ó Eleutério! — exclamou o abade, ajeitando o guardanapo. — E é pena! Tão gostoso, este pastelãozinho... Ah! este cabritinho!...

— Ó, senhor abade! Se é por cerimónia...?

— Não, Domingues, tu bem sabes...

O João Domingues arrastou um pé debaixo da mesa, fungou, levou uma garfada à boca, e disse, de garfo no ar, a pingar molho amarelo:

— Senhor abade, uma ideia!... Deita-se um pastelãozinho numa alcofa e manda-se lá a casa... a Crispim...

A mesa, muito comprida, acrescentada com outra mesa, o oratório da senhora Maria Domingas e mais duas pranchas sobre dois bancos de carpin-

teiro, empenava com montões de pratos, solitários carregados de cravos, rosas e alecrim, e os cotovelos fincados de mais de trinta festeiros.

O Eleutério achava graça ao acaso, à coincidência de estar a jantar mesmo em cima do oratório da senhora Maria Domingas. Dava pequenos piparotes na barriga de Vouzelas e dizia-lhe muito prazenteiro, muito inclinado sobre o ombro do abade.

— Ah, abade, isto da gente estar a beber no lugar de São... de São... E virando-se para a senhora Maria:

— E que santo era? senhora Maria... cá no oratório? Que santo era?...

Mas, entretanto, chegou o peru, muito tostado, com uma grande pena da cauda, lustrosa e muito arqueada, espetada no lombo.

O Eleutério quis ele mesmo servir o abade.

— Mais um copito, senhor abade!
— insistiu o Pirolim da ilharga. Mais uma fevrazita... Aqui esta asa, a coxa...

— Ah, Pirolim, ele está bom, está divino, gostoso... E é pena, é pena... Estou cheio, Pirolim, estou cheio! Até aqui! — e punha o dedo felpudo na glote.

— Mas por quem é, senhor abade. Por quem é! Não é caso para ficar em desejos!... — E virando-se para a mulher, o Domingues, concluiu:

— Olha, Maria: não te esqueças do peruzito na alcofa... Amanhã, para Crispim... Não te esqueças!

Depois veio o arroz-doce em piresinhos com riscos, rodas e corações de canela. Depois foi o creme, a fruta, o abafado, o pudim...

À saída, o Domingues segredou, muito amável, muito íntimo:

— O cestito irá amanhã, de manhãzinha; o Pirolim é que o leva... O senhor abade há de desculpar; mas a Maria lembrou-se também duns piresitos de aletria e do melão cá do quintal... — E sorriu de satisfação.

— Olha, olha, deixa-te de incómodos!

— cortou o abade, severo. — Quem leva o cesto sou eu... no fim da procissão. Corto ali à Serreira, à Barroca — é um instante... Bem, bem! quem o leva sou eu!...

E o Eleutério afirmava que, oito dias passados, ainda havia na sala de jantar do abade um cheiro a peru assado e laivos, aqui e ali, sobretudo ao pé do armário, de um leve odor de canela e do excelente melão gasoso de Rifães.

E em casa da D. Eulália, à noite, na sueca, houve quem notasse que um profundo arrote do abade vinha ainda impregnado do picante vinho d'alhos da Domingas.

Passada mais uma semana, ali à Barroca da Serreira, ia encavalgado no machito o demo do Domingues, o de Rifães.

— Bom dia, senhor abade, passou bem?

— Bem, tu?

— Bem, muito obrigado. O tempo está fusco; é capaz de vir água e eu tenho o milho no canoilo...

— Boa vai ela, — disse o abade. — Apanha-o! Eu já semeei os nabos... Pois é... Vocês, lá prá Leirada, são assim... deixam correr...

— Senhor abade — exclamou o, Domingues, espantado. — Eu sou o Domingues, de Rifães... O Domingues!...

— Pois é, pois é... Vocês deixam correr, vem a chuva...

E o Domingues descoroçoado, suspenso do lombo do macho, lançou, quási num sopro:

— Mas, senhor abade... a Maria veio na quinta-feira buscar o cesto... o cesto... o peru... Sou de Rifães!... Sou o Domingues!...

O abade tinha-se esquecido do peru, de Rifães, da festa, do Domingues!...

E o Eleutério, na farmácia, à tarde, a rir muito com o Dr. Rezende, o Nunes, o Camilo da Tesouraria:

— Ah! ah! ah!... Ai o ladrão do abade!... Eu não vos dizia?... Ah! ah! ah!...

VIGÉSIMO PRIMEIRO

João Vouzelas puxou com força a grossa corda do campainhão da D. Eulália; era quási um sino de repique. A Mariana, a criada, tardou um pouco, e o abade levou a mão à rótula: parecia-lhe sentir já a subir, a trepar, muito ronqueira, aquela dor fina, teimosa, que furava o osso e vinha pelo tutano acima...

— Era um raio de reumático, aquele! — jurava o abade, enquanto da mão sapuda puxava outra vez o cordão cheio, de nós.

Entretanto, ia magicando nos três contos do Castanheira: aquilo dava-lhe uma benevolência, uma paciência mais

cristã para suportar o beiral a esgotar-lhe água sobre a batina.

A D. Eulália, arrastando as chineli-nhas de trança debruadas a fita de nas-tro, apareceu no patamar, de candeeiro na mão. Chegou-se ao degrau, pôs a canha na testa, a fazer pala, a afirmar-se:

— Oh! Ele é o senhor abade!... Esta Mariana... Calcule, ora imagine, um desaforo... Estava-me lá para dentro a cabecear, a ressonar... Não há respeito, consideração!...

E enquanto o abade sacudia a batina e batia os sapatos de larga fivela no ca-pacho de arame.

— ... E essa perna? Esse joelhinho... Ai, credo! Isto de reumático!... Já o meu defunto papá que Deus haja... Ah! Mas isto não pode ficar assim, Mariana!... Deixar o senhor abade com o seu joelhinho, o reumático, lá fora... com um tempo destes!...

Entretanto já se ouvia, lá dentro, na sala, o baque surdo das cartas da sueca no tapetinho verde.

Entraram. À roda da mesinha desdobrada, da bisca, estavam, muito atentos, muito a meditar com o leque de cartas na mão, o Dr. Rezende, o Nunes da Bica, da quinta da Bica, o Camilo recebedor e o Dr. Almeida. Cumprimentaram o abade.

D. Ana e a mulher do Recebedor ergueram-se do canapé, e, com as agulhas do croché na esquerda, saudaram respeitosamente. Vouzelas sorria de beatitude e fez muitas festas ao Adriãozinho que veio ao seu encontro beijar-lhe o anel.

— Que estava muito crescido, muito bem parecido... E já sabe ler? Já sabe ler?

— Não, ler não sabia, mas já ia conhecendo umas letrinhas, as primeiras do alfabeto — explicou D. Ana, sorridente.

— Então como ia o sr. abade? — perguntou interessada a Micas do Recebedor.

— Ainda assim não tinha razão de queixa, graças a Deus. Só o reumático,

às vezes... Era o diacho, o reumático!...

— E ela, a D. Miquinhas, como passava?

— Ah! Não me diga nada, abade! Este flato, muitos gases, muito inchaço nos pés, sobretudo ao deitar... E então à noite, quando se descalçava, na beira da cama: ficava assim... a modos que tolhida... Nem sabia o que aquilo era. Se não fosse o José ficava para ali, quási despida, sabe Deus como: ao frio da noite, a arrefecer...

— Realmente — concordava D. Ana — nem parecia a primavera doutros tempos.... Este frio, este relento...

— Pois é, pois é. Dantes era outra coisa: vinha tudo na hora própria...

O Camilo Recebedor cortou a última vaza com o ás de paus e comentou, voltando-se muito grave, para as senhoras:

— Os tempos são outros; os tempos são outros! Estas guerras agora... Está tudo mudado... Tudo mudado!

E saboreou, do canto do olho, a

grossa manilha de copas que o Almeida largou num suspiro...

Adrião olhava muito o sr. abade. Achava-o esquisito, muito negro, cabeludo nas mãos, ao pé do anel. Não gostava de lho beijar; tinha medo de uma fatalidade e meter os cabelos dali à volta na boca. Moscas e cabelos não suportava. Lá isso, não! Batia o pé, embirrava, e não comia. Lá sopa com cabelos, não! E a mamã, então, queria sempre que ele a comesse:

— Caiu agora mesmo, Driãozinho. Não faz mal, está viva, ainda mexe!...

Ele queria lá saber se ela mexia ou não. Estava lá, e pronto, não comia.

Decidiu nunca mais beijar o anel do sr. abade.

— E a mamã? — pensou. — Ah, o pior era a mamã!...

Adrião foi-se chegando para o fundo da sala, para trás da floreira — e olhou todos de revés. Todos eram contra ele. «Driãozinho, Driãozinho» mas iam-no

obrigando a fazer o que eles queriam...
Mais tarde, quando fosse grande...

E desejou ardentemente ser grande,
grande!

Entretanto, à volta da mesinha da bica, já de pé, os quatro parceiros discutiam com muito calor, muito gesto, as últimas três vazas e o filé do Nunes da Bica.

— Nah, eu não o fazia. Nunca! — re-
matou num grande gesto o Camilo da
Tesouraria.

Adrião estava com sono. Não gostava da D. Eulália. Tinha um grande nariz recurvo, muito seco, em bico. Às vezes, para se afirmar melhor, sacava do *lorgnon* e encavalitava-o a meio da penca. Nah, não gostava dela. Tinha uns modos muito secos. Dizia as coisas de beiços cerrados, a soprar... Deixava atrás de cada palavra um bzz... sibilante. Usava umas golas muito repuxadas por ali acima, terminando não se sabia aonde, por debaixo da queixada e das farripas da cabeleira de estopa.

O Dr. Rezende conversava de política com o Dr. Almeida e o Tesoureiro.

No topo da sala, junto do canapé, onde tricotavam as senhoras, o abade João Vouzelas gesticulava, muito animado.

— É como lhes digo, a procissão há de passar este ano à porta do Castanheira... Eu não lho prometi. Sim, claramente não prometi, mas dei-lhe a entender... Dei-lhe a entender...

— E ele já deu os três contos? — perguntou a D. Eulália.

— Pois claro, pois claro. Já os largou! Foi lá em casa... Bebemos um porto... Por sinal muito fino, muito rico. Olá, muito rico!

— Dizem que recebe muito bem — quis saber a D. Micas.

— Ah! lá isso! — fez o abade.

— E que era ele no Brasil? Que fazia ele?

— Não mo pergunte, D. Ana... Quem sabe disso é o Eleutério. O Eleutério deve saber... Mas parece que foi no

café. Isto aqui entre nós — e o abade em voz baixa, curvando-se todo para as senhoras muito interessadas — ... aqui para nós, foi no café... Aquilo ele ia deitando abaixo do camião um ou outro saquito de café, do bom, do de S. Paulo...

— E quem apanhava o café?

— Ora, D. Ana — fez o abade com um sorriso inteligente. — Quem havia de ser?... os da súcia! D. Ana. Os da súcia!

— Mas, diga-me cá, abade: Ele nesse tempo ainda não era Comendador? pois não?...

— Por quem é, D. Miquinhas, por quem é! Então queria que ele fosse Comendador... a *deitar* os saquitos do camião? o cafezito de S. Paulo?!...

Adrião foi-se chegando. Quis fazer um comboio mas não lho permitiram. Nem mesmo o deixavam apitar!

— Psch! cale-se! Está o sr. abade a falar.

Ia então haver uma festa? pensou Adrião. E falavam no Castanheira. Tinham deitado foguetes quando ele chegou à estação.

Também apanhara uma cana e fora com os da malta atrás da música, pela estrada fora, a fingir que tocava: Trrum, tã, tum!...

À frente, ao pé do papá, do sr. abade e doutros senhores ia o tal sr. Castanheira de fato aos quadradinhos e chapéu de panamá, puxado atrás, a limpar o suor com um lenço de xadrez.

Estava muito calor e ele ia atrás: Trrum, tã, tum!... Trrum, tã, tum!...

VIGÉSIMO SEGUNDO

O sr, Comendador tinha uma filha. E bonita. Adrião achava-a bem bonita. O melhor, pensou, o melhor era casar com ela. E Adrião decidiu casar!

Chegou outubro e Adrião entrou na escola. Às cinco horas o sr. Professor dizia:

— Podem sair.

E ele então ia mais o Chico, O-da-Ponte e o Manelão aos pássaros com as físgas e os bolsos carregados de brita miúda.

Ele tinha boa pontaria. Todos tinham boa pontaria: o Chico, o Manelão, O-da-Ponte... Nunca tinham morto um só pardal, nem pisco, nem verdelhão.

Mas acertavam muito nos pardais, nos piscos e nos outros pássaros...

O Manelão jurava que duma vez, ao pé do rio, no silveirão do Vivalma, tinha acertado num, tinha-o morto, tinha-o «lixado». Ninguém tinha visto o morto, mas o Manelão sustinha que era verdade.

— Eu seja cego! — jurava ele.

Adrião achou de uma vez um ninho. Estava num choupo, terceira pernada à esquerda. Todos os dias à tarde, no fim da escola, ele trepava ao choupo do lado, muito em segredo, e, lá de cima, via os passaritos de pescoço pelado, no ninho; e mais ao longe, entre dois galhos em forquilha, avistava a casa do sr. Castanheira.

De vez em quando, via a Laurinha a andar de baloiço, debaixo da magnólia. Ficava preso de emoção.

Ah, havia de casar com ela!

O pior eram os filhos. Ele não sabia

mandá-los vir... E para casar era preciso ter filhos!...

Na escola, o senhor Pireza batia-lhe às vezes. Dava-lhe com a cana da Índia nas orelhas quando ele não sabia que 9 vezes 3 eram 27.

— E nove fora? — perguntava de repente o mestre.

— *Nós fóra... nós fóra...*

Lá de contas não gostava. Antes queria ler a história do Toninho Bom Menino, do Baloíço, do Livro da Capa Verde... Disso, sim! Disso gostava! Havia de contar assim uma história linda à Laurinha. Talvez ela gostasse.

Seria verdade o que O-da-Ponte dissera? que para casar era preciso namorar?

E Adrião pensava, desesperadamente, como tudo era difícil, complicado, misterioso!...

VIGÉSIMO TERCEIRO

Naquele dia, manhã cedo, Adrião acordou com os foguetes a estoirar. Os grossos morteiros de muita pólvora, faziam pum! pum! enquanto Adrião se vestia muito à pressa. Era a festa!

A mamã começou nesse dia a ralhar logo pela manhã. Mas Adrião não se importava... Era a festa! Andavam os foguetes no ar, — Pum! pum! Trra, ta, ta, ta! Pum!

Adrião saiu de casa, de fato novo, para o largo defronte do Eleutério. Era ali o sermão do Encontro. Já lá estavam o Carvalhinho, o Nunes da Quinta da

Bica, o Dr. Almeida. O papá e o Dr. Almeida começaram logo a falar de política. Os outros discutiam sobre a Verónica, o Sermão.

Na sacada estava a D. Eulália de negro profundo, debruada a crepes.

A cada passo, torcia o pescoço dentro da gola e apontava o *lorgnon* faiscante, muito na ponta do nariz. Sorriu-se, cumprimentou e a mamã subiu.

Adrião ficou em baixo, ao pé dos homens. Sentia-se quasi grande. Sentia-se homem!

A festa era rija e o povo era muito. Metia para cima de vinte anjos a rigor. Só em foguetes, nesse ano, haviam de ser queimadas para mais de trinta dúzias. O Comendador Castanheira, de acordo com o abade e mais o Nunes da Bica, tinha encomendado girândolas especiais de Viana.

— Quero uma coisa a preceito! — dissera ele ao abade e ao Nunes da Bica — Quero animação, muita música, estouros no ar!...

E mandara vir as três mais famosas filarmónicas do Norte.

Quis também, para o fim da procissão, uma espécie de foguetes que sobem no ar, muito alto, e deixam cair, a balançar, uns enormes bonecos muito amacacados a deitar fogachos e a dar pequeníssimos estampidos por todo o lado.

Estava um tempo magnífico. Andavam no ar cintilações. A folhagem dos plátanos dava uma sombra coada em tons de amarelo suave. As serras, em círculo, andavam afogadas em verdura. Penedos enormes, rolados, coroavam os píncaros. Outros, despenhados das alturas, em tempos idos, salpicavam o dorso das montanhas parecendo ter esmagado ali a vegetação.

Dos povos da serra tinham descido à festa longas filas de gente. Os atalhos e caminhos de cabra andavam cheios daquela madrugada. Os alforges às riscas, com umas franjudas borlotas a atar, descaíam das espáduas dos serranos, car-

regados de broa com azeitonas. Naquele dia não se pensava em misérias: era a broa, era a azeitona bem curtida, era o vinhito do Almiro, o da esquina.

AQUI BOM BRIOL! dizia a tabuleta verde, na empena da porta, escrita em letras enormes que o próprio Almiro tinha pintado. E os homens, de varapau no braço e carapuça no ombro, entravam aos magotes.

Ia uma grande falaça na taberna. O Caburro da Bagaceira, de um gesto ligeiro, descolava do canto do beijo a ponta de cigarro: e, de um trago, emborcava o grosso copázio do briol. Depois, atirava no ar, às baforadas, um cheiro acre de tabaco fortíssimo e de vinho carrascão. Começou escarrando no tabuado e a tossir de propósito, a encarar o Milão:

— Se há aqui algum sacana, que beba um litro sem desbocar, eu corto-os!

— Sacana, será ele! que o litro engulo eu! — E logo o Milão avançou para o balcão, num passo gingado.

— Venha daí a vinhaça! — tornou o Milão a preparar a goela, a fitar muito o Caburro da Bagaceira.

Este, seguia os movimentos do outro, cuspiu a beata por cima do balcão, e largou, virado para a turba, quási dividida em dois grupos:

— Aposto!

Todos ficaram a ver no que aquilo dava. Havia já grossa discussão sobre a aposta. Todos sabiam que ali andava mais do que aposta: e começaram a separar-se por uma terra de ninguém. Ouvia-se por meio do barulho o rapar seco dos varapaus.

De repente, caiu um silêncio. Todos puseram os olhos na picheira de litro que o Almiro passou para a palma do Milão. Este, seguro da vitória, levou a picheira à altura da testa, e correu com olho em roda. Depois, com varapau no sovaco, e traçando a perna à esquerda, começou a embarcar.

A epiglote do Milão andava de baixo em cima, de cima em baixo.

— Anda, Milão! Anda, Milão! — ber-ravam os de Crispim.

Andavam no ar surdas ameaças e os cacetes verrumavam o soalho.

— Aí, Milão! Aguenta, Milão!

Já o fundo da vasilha começava a empinar, por cima da cara do Milão. Já as gargantas de Crispim entravam em gritos de vitória, quando, subitamente, um cacete pelo ar arrancou da boca do Milão a litrázia a escorrer.

Foi chapar-se na parede, numa nódoa roxa, desfeita em cacos

O Caburro, de um salto, numa grande cascalhada, caiu na rua. E desapareceu encoberto pelos seus.

VIGÉSIMO QUARTO

Cá fora corria a procissão. Era solene. O abade, ali à esquina do Passadinho, escoou-se por entre os anjos, e, numa fugida, alcançou o púlpito do sermão.

Ah, agora via que já não tinha a perna ligeira doutros tempos, quando batia na corridinha o sacristão e o próprio Carvalhinho. O Carvalhinho chegara todo fresco, e ele quási tinha de pegar na perna ao colo para subir o palanque.

— Ó Carvalhinho, ó Carvalhinho, isto já não é para mim! — dizia o abade a trepar a escadinha do púlpito. — Isto já não é para mim, ó Carvalhinho!... Um raio de reumático! um raio...

Entretanto a procissão, por influência

do Nunes da Bica, tinha bifurcado, mesmo defronte do portão do Castanheira. O Carvalhinho é que tivera até a lembrança de fazer passar sob os muros da Quinta o maior número possível de anjos e as três Marias do Véu. Sobre se o pátio devia passar ou não resvés dos muros do Comendador houve fortes dúvidas e mesmo um começo de discussão. Não era costume passar por ali o pátio. Sobretudo a D. Eulália, apoiada no Recebedor e nas senhoras (que não viam com bons olhos o luxo da D. Orlandina, «a brasileira») resistiram até à ultima contra aquela ideia do Carvalhinho, apoiado muito discretamente pelo abade.

— Não pode ser, não pode ser! — dizia muito áspera a D. Eulália. — Nunca se viu uma coisa assim. Nunca! — E com um ar antigo afirmou que já no tempo da mamã o pátio descia pela Bicarrosa, que nem via os muros da Quinta, do Castanheira...

Finalmente, o Carvalhinho e o Nunes

da Bica acabaram por levar a melhor. Os três contos do Castanheira puderam mais do que a D. Eulália.

E, só depois, é que o Nunes, que era antigo na região, se lembrou que no tempo da mamã da D. Eulália ainda os muros do Comendador não existiam:

— Não existiam, abade! Garanto-lhe!...

O abade tinha mostrado, como nos mais anos, bastante inspiração, sobretudo ao falar da patética cena em que Madalena sai ao encontro de Jesus e o cobre dos seus cabelos.

Muitas mulheres de Crispim e de terras de longe, mesmo damas da cidade choravam de comoção e de raiva contra os romanos. Os romanos eram o José Laurentino barbeiro e mais quatro moçoilos dos mais fortes e destemidos. Todos tinham má catadura e vinham de lança em riste, envergando saíotes de estopa escarlate, sandálias nos pés, e cada um com seu capacete de bombeiro na cabeça — comprados na Corporação dos Voluntários do Lourçal.

Metiam medo. Avançavam cautelosamente, uns atrás dos outros, com as lanças na frente, terríveis, largando chispas dos olhos.

O povo recolhia-se no silêncio à espera do Crime.

Todos os anos de festa, havia mulheres da Serrinha que queriam atirar-se aos romanos a defender Jesus. Gritavam contra os malvados e cobriam-nos de insultos, cerrando os punhos.

E o Cristo com chagas de vermelhão, pintadas na face, ia prostrado no andor, cansado e triste. A cruz era enorme e não esmagava os do andor: era oca por dentro. A Coroa de Espinhos que lhe cingia a fronte arroxeadas, era um ramo de estrepeiro e perdera já algumas puas, quebradas pelo tempo.

O Laurentino, à frente, soltava pequenos urros, a arremeter, a comandar a súcia.

Adrião não pôde mais: odiou Laurentino, os romanos, os bandidos.

E sentiu banhar-lhe a alma uma doce

compaixão de Jesus, curvado, arrojado, perseguido...

E, então, voltando a face resoluta, ávida de justiça, para seu pai, disse firmemente:

— Sou contra os romanos!

E o pai riu-se. E a rir ainda chamou-lhe *cartaginês* — um nome extravagante!

Quis fugir dali, daquela visão infame. — o Crime perseguindo o Justo!

Laurentino escarnecendo o Fraco!....

Seu pai sorria... Os outros choravam. E ninguém, ninguém O salvava!

Ele sabia... Aquilo era a fingir...

Era a fingir... mas ele sentia dentro de si crescer um ódio, um ódio... Maldito Laurentino!

A multidão crescia em volta do pátio, onde o abade João Vouzelas dizia palavras do Calvário. Por detrás do *lorgnon* da D. Eulália corria uma lágrima quási seca.

O papá sorria...

Os jalecos de saragoça descaíam do ombro esquerdo dos da Serra. O Caburro da Bagaceira estava mesmo por debaixo do púlpito com o sovaco fincado no marmeleiro. Puxava grandes fumaças do fortíssimo *duque*. Todos esperavam o Encontro. Nossa-Senhora de manto azul-celeste, devia desembocar ali da esquina do Eleutério. O resto da procissão com Nosso-Senhor à frente já se avistava para os lados do Comendador.

— Ó Carvalhinho, depressa! cheguem o Senhor à Senhora! — dizia o abade em voz surda, nas pausas do sermão. — Depressa, ó Carvalhinho! Depressa!...

E o abade fazia umas tiradas muito longas, sem emoção quási nenhuma, a ganhar tempo, à espera dos do andor. Tinha de reajustar o sermão aos andores.

— E os malditos a arrastar o passo, ao longe, — resmoía o abade por entre umas frases latinas ainda do tempo do Seminário — Os malditos!

A certa altura, ainda faltavam uns

bons cinquenta metros para o Encontro, e o abade, desesperado, teve uma inspiração: começou a recitar desabridamente o Pullos ad Margaritam do Fabulário de Fedro!

E, nesse momento, estava o abade no terceiro verso, ouviu-se um estrondo surdo e o baque dum corpo. Logo marmeleiros saltaram no ar. Mulheres gritavam, e na multidão cresceu uma onda de pânico.

O abade a segurar a batina da canha, desceu de roldão as escadinhas do púlpito. O Milão dava pulos no ar, e, com o lódão por cima das cabeças a procurar o corpo do Caburro, berrava:

— Atão? Pagaste-as! Atão?...

O Carvalhinho corria atrás do abade a gritar:

— Foi uma bomba, abade! Uma bomba! E dizia, quási num sopro, quási num choro: — Os bolchevistas! Os bolchevistas!

— O quê? Eram *eles*... *Eles*!...

.....

Daí a pouco eram corpos no chão,

varapaus quebrados, fanicos, soluços, e os dois andores desfeitos, virados, partidos...

.....
Adrião, na fuga, ainda com aquela palavra *Bolchevistas* a zumbir-lhe nos ouvidos, deu de caras com o Chico.

— Eh!...

E foram por ali fora, serenando a pouco e pouco.

VIGÉSIMO QUINTO

— Eh, pá! Eh, d’a Ponte!

O outro olhou-o de cima abaixo. Um fato novo, à marinheira!

E O-da-Ponte não teve coragem de o tratar por tu.

— Sabe, Adriãozinho, achei um ninho de mijangra!...

— Onde é? Tens de dizer!

— Não digo, não. Isso gaita!

E esquecendo o fato à marinheira, entusiasmando-se:

— Mas sei um de papa-figo! Num *acalipto*... Anda daí! Vi entrar a pássara de cigalhada no bico...

E foram. Era lá em cima, por trás do

morro, para as bandas da Tia Antónia.

— É ali — disse O-da-Ponte. E baixando a voz, em confidência:

— Eu vi-a, de cigalhada,.. Uma minhoca: grossa como quê!

— Tu viste-a?... — E abarcando a árvore, num olhar: — Ih, c'um raio! Isto é alto!

E Adrião de fato azul, à marinheira, dispôs-se a trepar. Saltou aos ombros do garoto e avançou de ramo em ramo.

— Eh, pá! Mais ali! — dizia O-da-Ponte.

Adrião subiu, trepou... Resfolegava, cansado. Olhou em baixo: nunca O-da-Ponte lhe parecera tão pequeno!

Hesitou. Sentiu um arrepio. E se caísse? Levou a mão à nuca, inquieto. Era ali que ficaria a gaiba, se caísse, de encontro àquela pernada grossa, cheia de nós... Depois, O-da-Ponte dava um grito e desatava a fugir, a berrar:

— Acudam! Acudam!... Ele morreu! Caiu!

E entretanto os pássaros, os papa-figos assustados com a gritaria e medro-

sos da Tia Antónia, da Anastácia, do Vaz Latoeiro, do Chico, do Ferrador e dos outros que viriam para ver o morto, para ver a gaiba, o sangue — piavam, davam às asas e desapareciam por detrás do morro...

Nah, era arriscado. Era muito alto!

Mas sentiu uma vergonha. Não queria que O-da-Ponte percebesse. Era preciso disfarçar... E, com uma tremura na voz, com a força do medo, gritou:

— Ó pá... Eh!... Já cá não estão...!

Mas, nesse momento, perturbados no silêncio murmurante das alturas, num grande alvoroço de asas e de pios, quatro enormes papa-figos, num exagero de tons d'amarelo, roçaram a cabeça da criança petrificada, e desapareceram no espaço...

Adrião, pálido, de lábios entreabertos num ah!... muito longo, não teve tento de seguir as aves no grande voo, através da folhagem rescendente.

O-da-Ponte, em baixo, berrava com uma camoesa roída, suspensa da mão:

— Eram eles! Eram eles!...

E Adrião a deslizar de ramo em ramo, a descer, lábios cerrados numa confusão de sentimentos, pensava, sem as ouvir, as próprias palavras d'O-da-Ponte:

— Eram eles!...

.....

Trincou ao de leve, a maçã camoesa d'O-da-Ponte e foi andando a resmoer uns pensamentos confusos...

Tivera medo, medo! E tão perto estivera da maravilha, da tentação! Mais um pouco, mais um esforço e alcançava aqueles pássaros, tão amarelos, tão bellos, tão gordos... E era um desejo de tantos anos!

Ele que sonhara, tantas vezes, um enorme passarão daqueles a debicar alpista, a engolir minhocas numa vasta gaiola de verga...

Ele mesmo quando sonhava apanhar peixes à mão, na ribeira, via logo as canas muito folhudas e verdes, e os salgueiros muito compridos e moldáveis,

fáceis de cortar a canivete, fáceis de transformar em gaiola.

Sentia um despeito, uma fraqueza — o medo!

E meditava: Se fosse O-da-Ponte, ou o Chico. Eles teriam medo? Ah, o Manelão tinha!... Mas o Chico, o Chico? E então, apesar do desejo incontido de se enganar a si mesmo, não acreditava que o Chico tivesse medo de subir, de trepar aos mais altos eucaliptos...

E habilidoso que era o Chico! Ele concerteza teria agarrado os belos papafigos!

Adrião sentiu-se infeliz. Teve a ideia clara, implacável da sua fraqueza. Depois, veio-lhe à mente a sua inaptidão para as contas (sobretudo em multiplicações de muitos números), a sua falta de jeito para apanhar as grossas bogas nos pegos da ribeira.

Ah, quanto lhe custava, valer menos do que os outros!

E dentro de si, no cérebro, levantou-se uma grande raiva contra o professor, a

mamã, a avó, contra todos que diziam, zangados ou a rir, que *ele não prestava para nada* (mas quanto sentia agora que era a verdade: a pura verdade!) E chorou. Lá dentro, no seu coração, chorou.

Não tinha ninguém por ele. Ninguém o ajudava, ninguém o consolava. Ninguém!

E odiou todos, o mundo inteiro.

Ele mesmo se odiou em si, na cabeça, nas veias, no sangue.

VIGÉSIMO SEXTO

Jantou. A tempestade amainara. A mamã, o papá — até a Maria! ralharam, insultaram-no. Queriam saber por onde tinha andado, o que fizera, por que chegara tão tarde para o jantar?

Onde estivera?

— Ali!

— Onde vens tu?

— Dali!

Nem se lhe dava de apontar um local, um sítio, lá fora...

— Dali!... Ali!... (

Que mais queriam eles? Que *lhes* importava?

Ninguém tinha nada com isso! Ninguém!

Sentiu amainar a tempestade. Mas,

dentro dele, alguma coisa ficava que destruía o medo que tinha dos pais.

— Vinha dali! pronto! Não temia jogar cinicamente aquela resposta vaga. Tinha mesmo prazer, quási desejo que eles tomassem aquilo como provocação.

Queriam bater-lhe, fechá-lo no quarto-escuro, tirar-lhe, roubar-lhe a sobre-mesa? Pois bem. Não *os* temia!

Que ganhavam eles em o *roubar*, o *prender*, o *matar*?... Ria-se! Não *os* temia!

Engolia descansadamente a sopa... Começou o arroz... Foi comendo o arroz...

E, coisa estranha: *Aquilo*, lá dentro, tomava proporções enormes, formas descomunais, e não saía cá fora, não gritava...

E era uma calma extraordinária, que lhe enchia o peito de uma respiração funda, que lhe balouçava o gesto, sereno... Mas era também algo de novo, como se a mão de um gigante lhe tocasse e marcasse, ao de leve, a sobran-celha.

Foi-se deitar. Subiu a escada. Passou diante daquele quarto de arrumações, escuro, esconso, onde estava a clavina antiga da Revolução, a espada de cavalaria, ferrugenta, recurva, perigosa, do avô; estavam, lá no fundo, suspensos das traves antiquíssimas, vastos capotes adejantes, misteriosos gabinardos de outras eras, de mortos, de defuntos...

Tudo ali parecia viver de uma vida suspensa. Os gabões mexiam mansamente, avançavam na sombra. Mãos frias, brancas de jazentes, andavam no ar. Olhos desenterrados, de uma luz morta, distante, fitavam no vago.

Espectros a ranger ossos espantavam as aranhas. Havia gritos abafados, lamentações dolentes, súplicas...

Adrião ouvia apavorado aquelas vozes de bocas sem carne.

Sempre que ali passava, à luz bruxuleante do candeeiro no fundo do corredor, Adrião tinha medo de uma atração, de uma queda súbita naquele abismo.

A treva era ali!

.....
Agora, Adrião passou, sentiu a mão do *gigante* ampará-lo, carregar-lhe ao de leve a sobrancelha — e encarou, sobranceiro, o escuro do interior.

Riu-se na alma. Sentiu um desprezo...

Não temeu. Não podia temer *aquilo!*...

VIGÉSIMO SÉTIMO

Tinham passado as grandes colheitas. Nas esfolhadas, à luz fraca dos lampiões, Adrião sentira os beijos das raparigas.

Era o milho-rei — era uma maçada! Para quê, os beijos?...

Os canoilos do milho foram arrancados com aquele pincel de raiz na ponta. A terra foi cavada, e das pequeníssimas sementes do nabo surgiram grandes fôlhos de nabo, peludas, e cabeças de nabo, muito grossas.

Adrião gostava das boas sopas de nabo com feijão frade e um lastro de broa no fundo.

A mamã dizia que era pecado virar a

broa ao contrário, em cima da mesa. O papá dizia que não se devia deixar nada no prato:

— Que os nabos davam muito trabalho: o cavar, o semear, o regar, o sachar... O apanhar, o coser, o servir...

... Era preciso muita gente, muito trabalho, antes de chegarem ao nosso prato e os comermos temperados com azeite e vinagre...

E a broa? E o pão? E o fato?

Era o mesmo. Tudo dava trabalho. Andavam *outros* a trabalhar...

Andavam nos campos, nas serras, nos pinheirais. Eram o Domingues, o Piro-lim, a Tia Antónia, o Lamparruça... O pai d'O-da-Ponte, o pai do Manelão, o pai do Chico...

E ele quis trabalhar no campo, mais tarde, ao pé de todos os que trabalham.

VIGÉSIMO OITAVO

O-da-Ponte ia pela aldeia, pelas estradas, pelos casais a guiar o burro do velho, carregado de taleigos.

Sabia guiar o burro. Ia a assobiar, a andar a dois palmos do rabo do burro, e dizia por dizer, de vez em quando:

— Arre, burro!

Depois, continuava a andar, a assobiar e a dizer:

— Arre, burro!

Andava léguas e léguas a dois palmos do rabo do burro. À noitinha, na Volta da Bouça, o Fusco (chamava-se o burro assim) arrebitava o cartucho das orelhas e ambos se sentiam felizes de ouvir o marulhar das águas da levada.

Num instante, entravam debaixo do telheiro, na beira da corrente.

O-da-Ponte descarregava os taleigos e ia pensando na broa, nas sardinhas com azeitonas. O Fusco pensava na palha e ambos eram felizes.

A broa tinha três dias, mas O-da-Ponte tinha fome.

A palha era boa, era de milho, era da fina.

E enquanto o Fusco se ia espojando no estéreo, O-da-Ponte, numa quebreira, descaía na estopa dos lençóis. Ambos dormiam...

O-da-Ponte sonhava o fim dos taleigos, das farinhas e dos Fuscos.

E, se não fosse o grande desejo de ver as *suas* mijangras, de jogar o fito, de bater no Chico, nunca mais se levantaria do sono, para não mais sofrer a fome, o pai e os burros!...

VIGÉSIMO NONO

O Chico tinha uma cabra e uma irmã chamada Amélia.

Adrião gostava da cabra e não gostava da Amélia. Tinha resolvido não casar desde que a Laurinha fora para o Brasil. Fora-se sem nunca lhe ter dado um sorriso. E Adrião decidiu que «de mulheres nunca mais». Nunca mais!

Gostava da cabra do Chico e gostava de andar descalço.

A mamã riu-se de ele pensar «uma coisa assim»: *ir c'ó as cabras!...*

E bateu-lhe de ele andar descalço *como os garotos*.

Ir com as cabras era um desejo intenso,

enorme. E andar descalço... Que prazer!

Casar, não. Nunca! Era um despeito...

TRIGÉSIMO

As chuvas cáíam muito na serra, e a ribeira trazia uma água barrenta, cor do lodo. No veio da corrente, onde ela é mais forte, iam balanceando troncos de amieiro, e toros ocos de salgueiro.

O-da-Ponta, o velho, achegava-se à beira do rio: de um comprido gancho, arpoava os troncos flutuantes.

Mais abaixo, naquele fundão onde a levada faz girar os rodízios do moinho, estavam sentados, na amurada, o pai do Chico, o Pirolim, o Eleutério e o abade.

Todos olhavam muito o veio da ribeira: de repente, de quando em quando,

desafogavam da água, a ressaltar, uma enguia muito grossa;

Era uma água barrenta, boa para as enguias.

— Hein! ó Bernardo! — dizia o farmacêutico ao pai do Chico — fritas com batatas são uma delícia. Uma delícia!

Mas o abade era de outra opinião:

— Com tomate, ó Eleutério! Com tomate, ó Bernardo, de caldeirada...

E Vouzelas dava estalidos com a língua. Um desejo glutão ficava no ar...

Nesse dia à noite, à ceia, o Chico comeu enguias cosidas na água da panela. «Estava caro o azeite» explicou a mãe do Chico.

TRIGÉSIMO PRIMEIRO

Muitos troncos desceram a corrente e muitas enguias caíram no anzol do abade, do Eleutério, do pai do Chico.

Nos velhos alcatruzes cheios de terra, nas varandas, começaram a deitar forma e cheiro os crisântemos esquisitos.

Os sinos dobraram tristemente, nessa manhã, como se muita gente tivesse morrido.

Adrião, muito cedo, acordou estremunhado.

— Quem morreu, mamã?

— Ninguém. É dia de finados. Tens de rezar pelos defuntos.

E logo a mamã começou numa reza

plangente... Adrião engrolava à pressa, sem convicção, padre-nossos e avé-Marias.

Os sinos não paravam de dobrar. Era um dia triste. O sol olhava por momentos a terra húmida. Um chuvisco frio, insistente, empapava os campos e encharcava as relvas.

A igreja, no alto do Caramito, estava suspensa e esbatida no cinzento.

As oliveiras, antigas, desciam pela encosta e eram da cor do ar. Os líquenes dos troncos e os musgos fofos dos muros sentiam-se banhados de um bem-estar feliz, como nos tempos da Criação.

Para os homens era um dia soturno, onde as formas e os sons dolorosos encham todas as coisas e a natureza inteira.

Na serra, os pinheiros e os enormes rochedos rolados tinham desaparecido, rolado misteriosamente nalgum vale sem fundo.

Os animais, nos estábulos e currais, mugiam e davam lamentos que se escoavam, abafados, das frestas indecisas.

Passavam mulheres em luto, de grandes cestas à cabeça, plenas de crisântemos. E atrás delas ficava um rasto daquele odor amargo.

Era um dia triste e por cima das coisas e dentro das pessoas fluíam ideias informes.

Adrião entrou a porta do cemitério.

Havia um cheiro penetrante, desfeito no ar quasi líquido: um cheiro de cipreste e de crisântemos cortados.

O buxo aparado, que seguia nas áreas até às portículas dos jazigos, também lançava no ar o seu cheiro que se confundia nos outros.

Nos carreiros, entre os montículos dos túmulos, andavam mulheres de negro, com grandes braçadas de flores contra os peitos. Num som húmido cortavam os pedúnculos e dispunham-nas em cruz, em mosaico, sobre a terra em cúpula dos covais.

Sobre as pedras enormes dos sarcófagos acendiam-se lumes a surgir das

corolas. Dentro dos jazigos, senhoras de mantilha escura erguiam velas e dispu-nham coroas de flores naturais, ainda a pingar do exterior.

Ouviam-se palavras surdas de conver-sas esbatidas, em voz baixa.

Havia nos semblantes uma expressão indefinível de tortura, de cansaço d'al-ma...

Adrião sentia um torpor doloroso, e marchava sem saber onde, por entre chamas, vultos e sombras. Tudo o que havia de vivo, de forte, no seu corpo ia morrendo, ia fugindo numa lentidão soturna.

As pessoas, muito lentas, iam saindo pouco a pouco de entre os túmulos, flo-ridos de uma alegria patética.

A noite ia descendo. Os ciprestes eram grandes fusos de tinta, apenas mais espessa do que as sombras.

As velas pareciam vir da terra, levan-tar-se de entre as campas, a iluminar aquele espetáculo de sempre estranho.

Adrião ia a passar e viu uma sombra

dentro de um jazigo, entre as urnas e as coroas, acendendo as velas ardidas. Conheceu-o. Chamou-o: era o Cachôlo, o filho do coveiro. E foram de jazigo em jazigo fazendo luz na tampa dos caixões.

— Aqui está o Manel do Espinho — disse o Cachôlo em voz baixa.

Depois, deteve-se junto de um sarcófago:

— Está lá a D. Miquelina; enterrou-se ontem.

— Ali é o Joãozito da Ti Ana. Acolá, por detrás daquela cova — as duas velas... vês? enterrou-se a Mérita...

Aproximaram-se daquele túmulo. Cachôlo retirou quatro velas das campas à roda e espetou-as em cruz naquele sítio raso de lama. Olhou um momento as chamas erguidas e foi-se por entre os covais. Desapareceu por detrás do grande jazigo de mármore.

Adrião teve medo. Estava sozinho. No cemitério não havia senão mortos e velas a arder.

Cerrou-se-lhe a alma, pareceu-lhe ver uma sombra a deslizar, lá adiante, através os ferros de uma grade. Era uma sombra, era um vulto...

Mas as luzes de um jazigo aberto deram-lhe de frente e ele conheceu a boa cara do Cachôlo. Vinha silencioso, apressado, salvando o buxo. Trazia nos braços um grande molho húmido de cri-sântemos. Eram amarelos, brancos, vermelhos.

Disse para Adrião:

— Vês?

E ajoelhou-se à beira da campa: começou a dispor as flores em círculo, à volta das luzes...

Depois, ergueu-se a olhar o túmulo, e disse quási num sopro:

— Gostava dela!...

TRIGÉSIMO SEGUNDO

Durante três dias houve nos sonhos da criança cruces de cabeleira viscosa, caveiras detrás dos jazigos, a espreitar. Grandes ossos com carne só nos joelhos, a gemer, a erguer as tampas das tumbas.

Velas altíssimas davam uma luz quási negra; e sapos repelentes, em saltos de zigue-zague, sobre a terra dos covais, andavam a gritar.

O buxo mergulhava raízes finíssimas, e, furando as tábuas dos caixões, iam chupar cabeças de mortos.

. Havia espectros de bata branca, com uma vela em cada olho, a trepar, a trepar pelos ciprestes acima até ao Inferno.

Pássaros inverosímeis esvoaçavam por entre os números dos covais. Cabras com cabeça de gente, pançudas, saltitavam, contentes, em gargalhadas loucas. Escaravelhos do tamanho de bois saltavam o eixo no dorso das cruzes.

Havia macacos com cara de gente, e homens com rabo de macaco, às umbigadas, aos gritos, aos berros.

Caudas peludas, quási impossíveis, andavam no ar a vergastar sombras.

Era tudo em confusão pasmosa. Por vezes, sentia-se uma calma densa que esmagava os vivos. Era pior ainda, mais triste e temerosa a calma do cemitério! Adrião acordava de manhã, fatigado, a suar como no fim de uma grande luta.

Andava preocupado. Não queria pensar *naquilo* e pensava apesar dele.

Decorreram mais dias, semanas e ele ia sossegando.

Não se atrevia a falar *daquilo* a ninguém. Quem o compreenderia? Decerto, *ninguém!*

TRIGÉSIMO TERCEIRO

Nessa tarde Adrião ia contente. Sentia na alma uma satisfação, um orgulho sem limites...

Agarrara um peixe!

Não havia dúvidas que era um *peixe*. Pequeno, é certo, um «bico-d'alfinete», mas um peixe apesar de tudo.

Cortou um junco muito fino e comprido; pôs-se a enfiar-lhe o peixe pela guelra. Ele sabia que era ali, na guelra, que era dado enfiar o junco. Furou, escarafunchou, mas o junco não entrava: o peixe era pequeno, se calhar nem tinha guelra!

Mas Adrião não desistiu; deu um nó, e atou o peixe na ponta do junco.

Desceu a ribeira, arregaçado, mais o Chico e O-da-Ponte à ilharga, e fez uma entrada triunfante na vila, de peixe à cinta.

Passou defronte da loja do Soares, do Vaz sapateiro, da Brígida Marranca. Passou por todas as portas da povoação a balançar o peixe na cinta.

E contudo não houve emoção na aldeia.

Ninguém vira o *peixe*!

TRIGÉSIMO QUARTO

D. Antonina, depois daquele acesso, descaíra a cabeça no espaldar e deixou-se adormecer. O croché escorregou-lhe de entre os dedos e o Tareco levou-lho para debaixo do armário.

D. Antonina continuava a dormir. De quando em quando, os cantos da boca estremeciam e ficavam apertados num emaranhado de rugas.

A saleta estava cheia de um rressonar descompassado. O Tareco veio pé ante pé, chegou-se ao cadeirão da avó, e da garra tomou o novelo.

Adrião entreabriu a porta, deitou o nariz, sem respirar.

A avó a ressonar e um moscardo a zumbir-lhe sobre a testa. A floreira a deitar guias, a fazer cor, a rebentar cálices mal abertos.

De baixo do armário, o Tareco deitou a cabeça felpuda. Os dois riscos dos olhos fitaram Adrião.

— Raio de gato! — murmurou.

Quási via um espião naquele gato. Mas, depois, lobrigou debaixo do armário a rendinha do croché.

Sorriu. O Tareco era cúmplice!

Cerrou a porta devagarinho. A voz da Alzira vinha da cozinha, pelo corredor fora, numa canção dolente do Alentejo.

Adrião seguiu no mais escuro do corredor, mesmo ao fundo.

A chave lá estava na fechadura: era raro a velha esquecer-se.

Adrião deitou-lhe a mão, forçou e abriu. O quarto era escuríssimo. Só a luz ténue da porta alumiava frouxamente.

O menino teve um receio... Aquele escuro!

Muitas vezes ali entrara, atrás da roda da saia dela. Mas *ela* ia à frente a afrontar o perigo, a abrir caminho.

Haveria algum perigo naquele escuro?

O que ele temia sobretudo era o *Medo*! Não sabia bem o que *aquilo* era.

Era o Medo... Talvez um saco fundíssimo, vazio, ou cheio de escuro a andar, suspenso!

Deu mais um passo, mais outro. Abriu os olhos muito redondos, a fixá-los na treva, no mais escuro do recanto.

Mais um passo, mais um. Mais outro e outro.

Alçava muito as orelhas, à espera de ruído suspeito. Mas não, nada! Nem um ruído sequer...

Adrião sentia-se mal. Encolhia-se todo: nesse momento podia vir um braço pelo ar, a mão na ponta do braço, e uns dedos e unhas que lhe apertassem a garganta...

Encolhia-se, esquivava-se.

Um passo. Lançou um pé com toda a força em frente. Se ali houvesse um ini-

migo morreria. Arrebentava-lhe a barriga!

Arrependeu-se de não ter trazido um pau, uma físga, uma pedra.

Nem um ruído. Desejava quási ouvir um barulho, um estrondo para poder defender-se, fugir...

Assim não podia fugir. Não havia razão!

E se fugisse mesmo sem razão?

Podia fugir mesmo sem razão! Ninguém o via, não havia que ter vergonha!

— Ninguém o saberia! — murmurou num bafo, sem querer.

Ah! Mas não, não. Era perigoso fugir. Era muito perigoso. Virava as costas ao perigo! Seria fatalmente agarrado pelas costas...

E, então, nada o poderia salvar.

De súbito, Adrião estacou, petrificado, com os olhos a estoirar das órbitas.

Um grito ficou-lhe na garganta. Um arrepio ferrou-lhe a alma. Um tremor correu-lhe o corpo...

... Foi um barulho, um estrondo

pavoroso que lhe parou o coração!...

Não soube quanto tempo ficou assim, especado, a vibrar, sem vida. Não soube, mas foi decerto muito tempo, porque os dois riscos luminosos do gato fitavam-no, todo calmo, de cima de um caixote...

Que foi que ele derrubou?

Não o soube.

Era o Tareco, não havia dúvida. Mas aqueles riscos a fitá-lo — com uma luz que lhe pareceu amarela, branca, até verde! — aqueles riscos que ele mal vira, exaltaram-lhe os nervos.

Vacilou um momento, um só; e na fugida, de olhos redondos, imensos, deitou o braço num desespero, e alcançou a caixinha dos canivetes!...

Passou na cozinha, esbaforido. A Alzira só tivera tempo de clamar:

— Credo!

Adrião só parou ao fundo do quintal, em pleno sol, longe do Medo, para lá da nespereira...

Olhou o céu em confiança. Semicer-

rou os olhos numa delícia daquela luz, onde não era possível o Medo.

Depois, deitou os olhos à mão fechada sobre a caixinha.

Olhou em roda e sentiu *aquilo* muito claro: muita luz para abrir a mão, e sobretudo abrir a caixinha!

E foi lá para o fundo, passados ainda os cortiços, para debaixo da figueira de olho-de-perdiz, Ali havia uma sombra e um canto, sobretudo um canto, próprio para abrir a caixinha. Desencalvinhou os dedos e um brilho metálico ofendeu-lhe os olhos.

Só a tampa daquela caixa valia quasi um Medo!

Virou-a primeiro em todos os sentidos. Passou-lhe a mão pelo brilho. E a caixinha a luzir, a luzir admirada de tanta luz...

Há quantos anos tinha a avó posto ali aquelas navalhinhas, já do tempo do avô!

Talvez faquinhas do Porto, do tempo da tropa, para abrir o melão, calar a melancia.

E Adrião molhou a ponta dos dedos, no meio daquelas quatro navalhinhas.

Eram quatro e tinham cabo de osso. Uma tinha mesmo furador e saca-rolhas. Tirou-a religiosamente e pô-la ao sol, a faiscar.

Que maravilha!

E há quanto tempo estaria ali, encerrada, sem ver o dia, sem cortar vari-nhas de salgueiro, à beira do rio!

Há que tempos não furava o ventre de um melão do quintal do abade!

Ah! era preciso restituir aquela faqui-nha à vida, à sua função natural: cortar, furar, sacar rolhas!

Seria justo a avó, aquela velha, possuir quatro daqueles objetos (ela já tinha tantas facas!) enquanto que ele nem sequer um possuía.

E, depois, tê-las ali, a dormir há que anos! Há que séculos! sem cortar, sem furar, sem sacar as rolhas!...

Era justo?

E Adrião decidiu-se.

Tinha lá ido, tinha afrontado terrí-

veis perigos para ter aquele canivete. Era justo!

Mas, nesse momento, a criança teve um escrúpulo: e, repondo a navalha de saca-rolhas e furador, tirou a mais modesta de todas: uma, que ainda assim, tinha no cabo um bonito coração de metal amarelo.

TRIGÉSIMO QUINTO

O papá enfiou a cabeça no buracinho do guiché:

— Ó Pires! três de ida e volta.

Adrião ainda viu o Pires a puxar cuspo no dedo, a carimbar os bilhetes e a dizer «passou bem, senhor doutor!»

Depois, entraram numa carruagem onde ia um senhor gordo, que fez logo muitas festas ao papá, dizendo que aquilo por Londres ia mal.

— E os checos, doutor! Hein, que me diz dos checos?...

Passaram muitos túneis e pontes e o comboio deu muitos apitos; finalmente,

surgiram ao sol as primeiras casas da cidade. Havia-as de todas as cores, amarelas, brancas, verdes. E todas elas num conjunto de beleza colorida,

Aqui e ali, entre o casario, grandes quadrados e redondos de verde: eram árvores, flores e relvas fundidas numa só mancha de cor.

Depois, a locomotiva estacou e todas as carruagens estacaram atrás dela. Toda aquela gente saía numa grande confusão de narizes, de bigodes, de saias e de calças.

Malas, cestos, malinhas e malotes andavam agarrados às pessoas como se fossem pernas, luvas ou dente.

Daquelas carruagens de três riscos amarelos, saiam mulheres de saia de roda, e saíote encarnado a ver-se quando elas se arregaçavam para dar o pulinho do estribo. Levavam açafates e cabazes baloiçando na cabeça.

Os homens delas iam de calça apertada e largo chapelão a encobrir-lhes a testa; os jalecos de alamares pendiam-

-lhes do ombro, as correntes de oiro maciço no colete davam-lhe um ar de abastança feliz.

— Vão para a feira dos 21, a feira-grande.

Adrião viu alguns de Crispim: o Vaz latoeiro, o Rodrigues da Pinta, o Porqueiró, o Velho da Ponte, o Lamparruça. Os outros que não eram de Crispim, tinham todavia as mesmas suíças, os bigodes retorcidos, os varapaus, os chapêlões e o jeito dos de Crispim.

Saíam todos das portinholas de três riscos.

— Vão para a feira? — perguntou Adrião.

—Vão.

— Fazer o quê?

— Ora, fazer o quê! Comprar e vender...

Bem sabia que eles iam comprar e vender (as cabras, os cordeiros, os bezeros): mas não era resposta que se lhe desse. Não era a que ele esperava. Porque preguntara, então? Nem ele o

sabia. Preguntara por preguntar, sem saber porquê, admirado mesmo de ter perguntado!...

Adrião marchava a passos largos pela mão da mamã. De vez em quando, deitava o olho às botas do papá, para fazer como ele, para ir de passo largo.

Olhava para tudo o que passava, para as montras, para as casas, para os caixeiros.

Eles também iam comprar coisas: entrar numa loja, dar dinheiro numa caixa de campainha, e sair com um embrulho debaixo do braço. Ele gostava sempre de pôr os pacotes debaixo do braço, como o papá fazia.

— Ora então o que deseja, minha senhora? — perguntava o dono a sorrir-se por detrás do balcão, de barriga a estoirar-lhe os botões do colete.

Depois, começava a mostrar coisas e a sorrir-se, a desdobrar peças de fazenda, a fazer que rasgava o pano, muito inclinado sobre o balcão.

— Ora aqui tem, minha senhora. Não

há melhor. Isto é do fino, do especial (e a fazer que rasgava o pano!).

Todos tinham do melhor, do fino, do especial...

— Por ser para V. Ex.^a são só vinte escudos... Não, minha senhora. Por quem é. Já é um preço especial para V. Ex.^a...

Tudo era especial, na cidade! pensava Adrião.

Compraram queijo da Serra, macarrete, café de cevada (o outro, o bom, fazia mal à mamã: era só usado na bisca com o dr. Almeida, o Nunes da Bica e o Recebedor). O papá comprou um bonito chapéu de laçarote atrás!

— É a moda, Francisco. Hás de comprar o do laço atrás!

O papá saiu. da loja com um ar nem sabia de quê, com aquele engraçado chapéu de lacinho, que parecia mesmo uma borboleta a dar, a dar. E Adrião viu que ele não se tinha muito à vontade com o tal chapéu. De vez em quando perguntava a rir um pouco:

— Mas, ó Ana, ele fica-me bem? Hum, cá o lacinho...

Finalmente, entraram na loja de um sujeito muito calvo, a comprar um tanto de cotim amarelo para uns calções.

Adrião sentiu-se feliz. Também ele ia ter uma coisa nova. Uns calções, um cotim. E pensou, muito secretamente, que desta vez havia de ter umas calças compridas...

— Ah! eles não queriam? pois desta vez havia de ser! E começou a matutar muito naquilo.

Ia contente, ia doido, a olhar de grandes olhos, pasmados, para a gente, os carros, os jardins a cidade inteira. Aquelas montras de grandes vidros, com inúmeros bolos e pastéis, em pirâmide e à toa, e rebuçados a luzir, apetitosos, eram uma tentação. Felizes os donos daquela montra!

Nesses momentos, afagando aquelas visões de volúpia, renegava tudo para fazer-se pasteleiro. Havia de ser pasteleiro!

Vinha-lhe à cabeça aquela ideia tola e antiga de querer ser padeiro.

— Para quê, padeiro? — perguntara o Camilo recebedor.

— Para comer muito pão! — respondeu ele.

O pão era bom, realmente era bom, mas ficava muito aquém dos pasteis de nata, do cabaço cristalizado, dos rebuçados metidos em papelinhos de cor.

Ah, os pastéis!

E aquela que a mamã andava sempre a contar às outras pessoas, *aquela* que a mamã dizia ser *uma das suas*.

—E procurámo-lo por toda a casa, — dizia a mamã a rir, à noite, à D. Eulália, ao abade e aos outros. — E chamei, chamei: «Driãozinho, Driãozinho», e nada. Não aparecia.

E a mamã sempre a rir e a contar:

— Não aparecia! E sabem de onde ele me saiu, rente à noite?... — (E ria muito nesta altura). — Sabem? — (os outros diziam que não, que não sabiam).

— Pois saiu-me do armário do pão,

muito sério, muito devagar, a olhar por baixo da sobancelha em arco. Tinha lá passado toda a tarde, fechado, a comer o pão... E eu com a chave no bolso, abade: tinha-o fechado toda a tarde, a comer o pão de dez pessoas! — (Dez pessoas era um exagero da mamã).

.....

Tanta gente nas ruas da cidade. E belas gravatas, às pintas, aos riscos, às cores, ao pescoço dos senhores; e lindas senhoras com anéis a faiscar, de sombrinha na mão, de caracóis na testa, com a boca muito mais encarnada do que as mulheres de Crispim, do que a D. Eulália e a mamã; do que o Dr. Almeida e o Nunes da Bica!

Oh! E aquela extraordinária pessoa de farda azul com botões de ouro, e capacete também de ouro, de machadinha à cinta, a cintilar!

Adrião estacou: teve um sobressalto: e gritou num espanto, a apontar:

— Papá, olhe! olhe o rei!...

E esperou uma surpresa, uma alegria na cara dele...

Mas o papá sorriu-se, mal se dignou voltar a cabeça:

— Não sejas tonto: é um bombeiro.

Um bombeiro? Palavra esquisita. Não era então o rei aquele belo homem, diferente de todos, de machadinha, de capacete?

Todavia, o rei devia ser assim. Os reis dos contos deviam ser assim, eram com certeza assim...

Mas, de repente, Adrião foi acordado das suas cogitações:

— Então, meu tolinho, não sabes que estamos em república: que não há rei!

O papá disse isto a sorrir-se, de bom modo, a dar-lhe palmadinhas na cabeça.

Adrião ficou mudo:

— Essa agora. Não haver rei! não haver rei!... Era extraordinário.

E mais um mistério entrou na cabeça do menino.

TRIGÉSIMO SEXTO

No dia seguinte, pela tardinha, a mamã mandou chamar o Pirolim, o Pirolimpimpim, o alfaiate. Era um homem muito amável, muito sorridente, o Pirolim.

Entrou logo a dizer graças, a sorrir, a escorregar a mão nas melenas do menino.

— Então, então, um fato novo, hein? Um fato novo! — e ia desdobrando a fazenda. — Contento, hein?

Mas Adrião não reparava naquelas graças: tinha o seu plano. Tinha a sua ideia. Tentara já tantas vezes convencer a mamã de que era preciso fazerem-lhe

umas calças compridas. Ah, mas agora...

E aproveitou um momento em que a mamã se distraiu:

— Pirolim, ó Pirolim, faz-ma de calça comprida!

O Pirolim tomou um ar muito sério, ficou um instante a olhar a mamã, e piscou o olho para o menino.

— Pois, pois: calça comprida... — cochichou ele.

E logo correu a mão pela fita métrica até ao tornozelo; leu números próprios de calça comprida, e, piscando o olho outra vez, assentou no papelinho das medidas.

Desta vez era certo! A mamã tinha de se conformar, quando o Pirolim as trouxesse, dobradas no braço, muito vinçadas, com o lustro ainda do ferro de engomar.

Desta vez enganara a mamã!

O Pirolim era bom tipo: fazia-lhe a vontade; dava-lhe a maior satisfação de há muito tempo. E quando o Pirolim, sorridente e amável, ia a despedir-se,

Adrião sentiu uma grande simpatia por ele, pelo seu risco ao meio, pelo pequenino bigode bem aparado, pelas agulhas espetadas na banda do casaco, pelas linhas a rabiar, aqui e ali, no meio do fato. As linhas a branquejar no fato escuro do Pirolim ficaram-lhe a bailar na cabeça, e, durante três dias, andaram, contentes, nos sonhos da criança, a tomar estranhas formas, a esticar como elástico, a encolher, a rir, a transformarem-se, de repente, em calções, até ficarem umas esplêndidas calças compridas!...

Foi por isso que dias passados, detestou o Pirolim, quando ele, muito sorridente, muito amável, muito cheio de linhas a rabiar, subiu a escada, entrou a porta e desdobrou uns calções. Uns calções!...

TRIGÉSIMO SÉTIMO

Dias depois Adrião descia a calçada da Bica-Rosa, ali à farmácia do Eleutério, a assobiar.

Na porta da Anastácia entrava muita gente, muitas mulheres de negro. Outras saíam a murmurar.

O Manelão estava ali; entraram os dois.

Na escada a pique andava um cheiro esquisito, como de farmácia.

— Morreu — diziam as mulheres num queixume, com o lenço na boca.

— Morreu!...

Os dois garotos foram levados naquela onda de gente. Ficaram num canto a

olhar, por entre xailes muito negros.

No meio da sala miserável ardiam quatro velas de castiçal de estanho, à volta do caixão.

— Está morto! — ciciou o Manelão.

— Está? — fez Adrião.

Ele sabia que estava. Mas interrogou sem saber porquê.

Quási tinha medo do defunto estar morto.

Podia-lhe acontecer o mesmo. Diziam que se pode morrer sem quê nem para quê, de repente, dum ataque, do coração.

Adrião pôs-se a escutar o seu coração: Tuc, tuc... Tuc, tuc...

O Manelão deu dois passos para o meio da sala. As mulheres entravam devagar e logo se debruçavam sobre o caixão.

Faziam o sinal da cruz e murmuravam:

— Coitadinho! Deus o tenha à sua mão direita... Padre-Nosso, Ámen, Jesus...

Na sala ouviam-se choros abafados,

soluções detrás das portas. Andavam lamentações no ar e um cheiro intenso de água fénica.

Adrião fixava as cintilações do caixão, as lantejoulas a rebrilhar em reflexos, que parecendo alegres eram tristes.

Foi-se chegando devagar. E viu *tudo*.

Teve um sobressalto e uma longa tremura correu-lhe a espinha. *Ele* lá estava. Olhos cerrados, estendido, esticado, com um trapo nos queixos, de mãos cruzadas no peito.

Era o homem da Anastácia. Vestia o fato do casamento, de há muitos anos; e, no fundo das calças de fantasia, às riscas, apareciam as duas biqueiras esmurradas das botas de carneira. Traziam ainda a lama dos campos.

Adrião tinha medo, sentia um horror prender-lhe a garganta.

Era um morto, o homem da Anastácia. Estava ali a um palmo, horrendo, e Adrião olhava-o cheio de medo, a tremer — e fascinado!

As mulheres muito em voz baixa contavam umas às outras a morte do homem da Anastácia:

— Foi na pedreira do Sousa: o rastilho não pegou fogo; o Zé da Anastácia puxou-lhe lume e assoprou... Mas a rocha ficou queda, não arrebentou. E o Ti Zé, farto de esperar, foi-se achegando, achegando, para ver o busílis...

E foi então... Um estoiro de meter medo! E o Zé caiu.

Um lapázio arrebentou-lhe a arca do peito...

— A indemnização? Ah! deixe-me rir: Deus me perdoe, Ti Brígida.

— Pois, então!... O Sousa disse logo que só pagava à irmandade para o enterro. Que não tinha culpa, que não queria saber... E os filhos da Anastácia que se aguentem! que vão apanhar bosta pra estrada!

O Manelão, muito pálido, puxou-o pela manga:

— Vamos embora!

— Vamos embora — repetiu Adrião num bafo.

E foram, descendo a escada. O ar morno da casa ia refrescando e Adrião, de repente, lembrou-se:

— Não se tinha benzido! Não se persinara e *ele* estava morto. Morto!

Veio-lhe à ideia o Diabo, o Inferno, o Enxofre...

Ficou inquieto. Sentia um remorso, uma aflição.

E desabafou:

— Manelão, Manelão, não me benzi... Esqueci-me!

— Também me esqueci, — respondeu Manelão numa grande calma. — Também me esqueci! — E sorriu-se devagar...

TRIGÉSIMO OITAVO

Adrião voltou para casa a matutar, a pensar *naquilo* e a ter pena dos da Anastácia, que iriam pelas estradas apanhar bosta.

Se não fosse o seu próprio pecado de não se ter benzido, tinha dito ali mesmo, no meio da rua, à porta da Anastácia:

— Raios partam o Sousa! Malandro!...

Começou o jantar. O papá contava o caso daquela mulherzinha, a Maria Castelôa, que tivera um ataque a noite passada...

— E foi-se! — rematou o Dr. Rezende. Depois, levou a colher à boca, muito cheia de caldo-verde: e falou das couves,

das nabiças, do gorgulho que tinha dado no milho, do abade, metido agora com o safado do Queiroz...

E dizia isto a rir, quási contente!

Adrião engrolava o caldo-verde às colheradas. Engolia os pedaços de batata, redondos, inteiros, sem prazer. Não tinha hoje aqueles cuidados de desfazer com a colher os pedacinhos: esfarinhá-los com mimo, transformá-los em puré fundente...

Comia por comer.

...

Descia em pensamentos desencontrados, obscuros, quási absurdos. Cerrava a sobancelha num grande esforço, procurando deslindar daquela confusão algumas ideias de mais forma e mais claras.

— Iria para o céu? Para o inferno? E o Sousa, quando morresse?

O Manelão não se benzera! E ficara calmo, sem remorso — e a rir-se!

O papá yiu morrer uma velha, a noite passada... E o papá não andava triste.

Até falara de couves, nabiças, do

sr. abade, do Queiroz, do gorgulho...

Era estranho. As pessoas preocupavam-se então muito pouco com os mortos?...

Mas, outro dia, no cemitério... Os sinos pareciam chorar, chorar... As pessoas eram de uma tristeza aflitiva. Via-se a dor nas suas caras, nas suas falas, no gesto. Tudo era triste. Tudo e todos pareciam tocados pelo dedo da Morte. E agora... Agora riam, chala-ceavam, sem querer saber!

De repente a mamã interrompeu, parou de mastigar, abriu a boca:

— Que estás para aí a magicar, Adrião?

Ele não respondeu.

Olhou a mãe de olhos muito redondos e profundos de luz, como a dizer-lhe do que se passava na sua alma...

Ficou estático, sem uma palavra, com um olhar que ultrapassava as coisas, e ia afundar-se, distante...

— Este garoto é imbecil — disse D. Ana.

— É! — fez o pai.

TRIGÉSIMO NONO

Adrião subiu a escada, foi-se deitar.

— Era impossível perceber. É extraordinário — pensava — tantas vezes que o pai falava à mesa de mortos: de gente morta, doenças, ataques, infeções...

Coisa estranha: só hoje Adrião reparava *naquilo*. Só hoje!

Nunca pensara que a morte fosse tão horrível. Mas agora que vira a Morte, o Campo dos Mortos...

Agora sabia...

E eles, os *outros*? A outra gente? Esses que ora falavam da morte estando contentes, ora sentindo os mortos estavam tristes!

Não percebia.

Era impossível compreender. E ninguém o compreendia...

Não podia adormecer. Sentia um peso na cabeça e *uma coisa* a esfurancar-lhe a alma, a remexer-lhe as entranhas.

No seu pequeno cérebro corriam ideias loucas, a rir, a rir às gargalhadas.

Parecia-lhe ver, às vezes, o próprio Diabo no escuro do quarto. Outras vezes, era só uma pata rachada a surgir do guarda-fato, a dar volta à chave — e de repente, pregado à pata... era o Diabo...

Horas foram passando. Adrião, vencido, caiu num sono profundo.

Começava-lhe a respiração a serenar quando viu uma unha vermelha de fogo, muito recurva, a avançar, a avançar com uma lentidão pasmosa. Deixava um rasto de incêndio, e no ar elevou-se um cheiro de enxofre. Um ar abafado, sufocante, secava-lhe a garganta.

Adrião, de olhos esbugalhados, num pavor louco, viu a unha avançar, mais e mais, recurva e ardente, a ferir-lhe quási a garganta.

Podia ter fugido àquela unha inimiga; mas não. Deixara aproximá-la, aproximá-la, sem saber porquê: e agora...

Agora, quási, ferido, num arranco desesperado, louco, lançou um grito que foi ecoando por toda a casa.

Abriu os olhos e viu-se já sentado na cama, transido. Sentiu vir do fundo do corredor, em ondas de som, o seu próprio grito.

A mãe chegou, em camisa, de candeiro na mão, a iluminar frouxamente.

— Que foi? Que foi, meu filho? Que tens tu?...

Ele quási chorou de ouvir aquela palavra *meu filho*, dita assim de uma voz tão consoladora e numa hora tão trágica.

Queria chorar abraçado à querida mamã: e contar-lhe tudo, tudo. Ela tinha vindo naquela hora má, e parecia

compreender, como outrora, quando o salvara do *bicho*. Veio-lhe à ideia, como um bálsamo, aquela gripe, aquela febre: e o rosto da mamã, debruçado sobre ele a sorrir-lhe, a dar-lhe o gostoso caldo de galinha, às colheres...

Mas quási sentiu, ao de leve, o cheiro, o enxofre...

A criança em grandes suores, lançava olhares assustados para os quatro cantos do quarto, para os móveis, para a mãe.

E só pôde dizer:

— Não sei, mamã... Tive medo...

Vi uma unha... o cheiro... aquela unha!...

— Dorme! Anda dorme, não sejas tonto!... Nunca viste uma unha? Uma unha!... Que ideia...

E riu-se. Depois zangou-se:

— Que não podia ser. Que a tinha acordado: e ao papá... Um disparate assim!...

Daí a pouco Adrião ouvia uma voz lá dentro, no quarto dos pais:

— Esta criança é louca!...

E então, o menino, num espanto, teve
a maior, a grande desilusão da sua vida
— e a soluçar adormeceu...

QUADRAGÉSIMO

De uma vez, no fim da tarde, ainda com o olhar cheio de tanta maravilha, de natureza, de sol e de aventura, chegou ao portão, abriu e entrou em casa.

Aquilo tinha sido único na sua vida.

A sua testa vinha profunda, carregada de pensamentos, de visões, de audácia realizada. E ele é que fora o da ideia: e marchara à frente do Chico e dos outros, de todos os que tiveram coragem de ir à descoberta daquele rio desconhecido.

Que perigos haveria lá para cima, para as bandas da origem? Que flores, que peixes, que pássaros, e que águas traiçoeiras iriam encontrar?

E os homens da margem, lá para cima, para as nascentes: como receberiam aqueles intrusos?

Dizia-se que havia uma ponte, lá longe, a ponte da Saltadeira, e umas águas frias sobre lapas, onde nadavam perigosas cobras d'água. Lá, os cabelos de mulher, mergulhados na água, se transformavam em serpentes.

Os peixes-cabeçudos, nos fundões, deviam ser enormes. Eram paragens de sonho.

De onde viria aquele rio?

Combinaram, cá em baixo, sob o antigo salgueiro oco, «ir até onde fosse preciso»!

E todos, arregaçados até à coxa, olharam-se nos olhos numa jura solene.

Depois, cortaram da margem canas grossas para a viagem. Adrião com a navalha do coração de metal amarelo fez duas traças cruzadas em cada cana, como um signo de boa sorte.

E foram, decididos, seguros, aprovei-

tando os bancos d'areia, atravessando águas fundas até à cintura.

Às vezes, paravam de chofre, quando um ruído se levantava da margem.

Asas de pássaros faziam-nos estremecer: levantavam a cabeça, sorriam e seguiam. Um sardão, enorme, verde, esplêndido, deu um salto na raiz aflorada de uma carvalheira. Estacaram. Surpreendeu-os aquele verde tão intenso a fugir...

Seguiram mais juntos, à volta uns dos outros; assim, um perigo súbito, não os acharia desamparados.

As flores de madressilva deitavam um cheiro de mel. As trepadeiras subiam às árvores e iam lançar campânulas por entre os esgalhos.

Fetos nunca vistos emergiam folhêas dos buracos húmidos, sob cordas de raízes. Árvores tombadas mergulhavam ramos inteiros na corrente.

Noutros sítios, as águas eram paradas, e pareciam andar cheias de uma vida submersa. Ao de cima, em certos

recantos, recobertos de folhagem tenra, andavam a estremecer os alfaiares d'água.

«Bicos d'alfinete» eram aos milhões. Ninhos pendentes de felosa eram às dúzias.

Alciões de longa cauda e cores famosas voavam em seta, e de súbito caíam a pique sobre um pego. E no ar, de repente, mal se viam reflexos de um peixe entre o bico do pássaro.

Andavam por entre folhas e ramos assobios de melros.

Salgueiros em flores de penugem flectiam as vergas para o rio. Os choupos furavam as copas e apontavam para o sol.

A luz descia em tons de amarelo e verde e vinha roçar avenças escondidas.

E entre a folhagem dos amieiros e os folículos da cavalinha, cresciam enormes balseiros, silveirões, e salgueirais em flor.

Flutuavam aromas sobre as águas. As amoras lustrosas vinham pôr pontos de sombra sobre a corrente.

Os meninos quási temiam falar no meio daquela solidão. Comiam as amoras e cheiravam os perfumes, silenciosamente.

Às vezes, parecia-lhes ouvir umas vozes da margem. Olhavam uns para os outros:

— Quem andaria ali, naquelas para-gens, tão longe do mundo?

Mergulhavam de repente o braço, sem querer, num reflexo. Mas o peixe passava e nadava: desaparecia.

O que haveria para lá daquela curva, tão escura, que até as águas pareciam de piche?

E chegaram, e as águas eram puras, sombreadas só pela vegetação. E aquela pedra a furar do silvado, como a cabeça de um gigante.

— Nah! Era melhor voltar!

— E a ponte? — perguntou Adrião.

— É verdade: e a ponte da Saltadeira?

Haviam de voltar sem ver, sem *descobrir* a Saltadeira?...

Apertaram-se mais e avançaram num silêncio.

Que estaria por detrás do rochedo? Seriam ali as tais cobras de cabelos de mulher?

Os meninos seguiam de olhos fixos *naquilo*, cada vez maior, musgoso, arroxeado.

Por vezes, nem parecia um penedo. Seria um penedo? E mesmo que o fosse, não podia transformar-se num gigante?

É sabido, dos contos, como se pode dar um caso desses.

Quantas e quantas, vezes estacaram num receio, quando sentiam o coração mais temeroso e o sangue mais apressado.

— E a Saltadeira? E a jura?...

Adrião começava um novo passo e todos avançavam em frente.

Agora, um enorme tronco derrubado sobre a corrente, escorrendo plantas e filamentos verdecentes, encobriu o penedo.

Olharam para cima e aquilo era enorme.

— Que tronco! — ciciou o Chico...

— Que tronco!...

Um estremeção na folhagem, e, dentre o musgo emaranhado, voou uma pequeníssima carriça. Os meninos, sem parar, seguiam a pequena ave.

Mais um passo, mais um passo e caíram sobre o enorme rochedo.

Uma comoção tomou as crianças.

Como era grande. Altíssimo!...

Ficaram mudos.

Subiam com o olhar pela escarpa. E lá por cima, abria-se um rasgão do céu, entre folhagem, galhos e aves de cauda a balançar.

Rodearam o bloco musgoso de granito, olharam-no, devassaram a sua solidão. Encheram o peito de ar a contemplar o fantasma desvendado.

Aquilo enchia-os de um orgulho! Não precisavam de ir à Saltadeira!...

E regressaram.

Foi no fim da tarde, com o olhar e o coração ainda cheios de tanto, que Adrião abriu o trinco e entrou em casa.

E o seu olhar, pleno de brilho e de

orgulho, não viu o fato encharcado, enlameado, e cortado de rasgões.

Mas o papá estava lá e não viu o seu olhar, o seu orgulho: viu os rasgões, a lama, o fato a pingar...

.....

O pai entrou, devagarinho, no quarto do filho. Aproximou-se do leito entreato e viu a cabeça do menino repousada no travesseiro. E nos olhos do menino, a dormir, brilhavam ainda duas lágrimas enormes, suspensas dos cílios.

E à volta de Adrião, adormecido, estavam o postal do grande pássaro azul, o canivete de coração, as bolas de piro-lito, os dois piões de buxo, a pitorra de prego amarelo, uma bolacha da véspera, incompleta...

Tudo o que era mais querido à criança, estava ali à sua volta, tinha assistido à sua dor.

E o pai, então, a sair do quarto, sentiu uma lágrima a surgir...

Compreendia agora aquela criança!... E quis nunca mais lhe bater.

QUADRAGÉSIMO PRIMEIRO

Ultimamente, João Vouzelas ia muito por casa da D. Antonina. Foi assim que Adrião tomou mais conhecimento com o abade.

Todos os dias, rente à noite, o abade tocava a campainha, batia os largos sapatos de fivela no capacho, e do meio da escada já ia dizendo:

— Ora Nosso-Senhor nos dê muito boas noites!

Era afável o abade. Fazia muitas festas ao menino, na intimidade da salinha, ao pé da avó.

A D. Antonina sofria agora muito de achaques, de tremuras, de faltas d'ar.

Tinha irritações súbitas, sem razão, teimosias de velha e grandes cansaços. Às vezes ficava sem fôlego, num grande abatimento, e então as agulhas do croché descaíam-lhe de entre os dedos, muito pálidos, e tombavam-lhe no regaço.

Mas logo reagia a ralar muito, a comandar Alzira, a culpar Adrião do prato partido, do queijo comido, da nespereira esgalhada.

— Foste tu, foste tu! Já disse!... Um sem-vergonha, um malcriado a dizer que não à sua avó. A mentir!...

Adrião mal podia suportar aquelas acusações. Lá o queijo, sim! fora ele. Isso não negava. Era verdade. Não pudera conter-se: aquele cheiro bom a sair por baixo da porta, pelo buraco da fechadura.

... A pernada da nespereira... foi sem querer... um azar. Ia às nêspersas... e pronto! esgalhou. Não tinha culpa.

Mas o prato!... O prato não fora ele. Negava. Sabia que não fora ele!...

Aquela *velha* não queria acreditar...
Contudo era a verdade!

E o abade, aquele *padre* (como pensava Adrião, raivoso) aquele padre queria fazê-lo confessar!

Confessar o quê?

Ah, eles queriam que ele *confessasse*?... Pois bem! Nunca mais rezaria à noite, o padre-nosso, de mãos erguidas para o Nosso Senhor...

Adrião deixava o abade de conversa, muito afável, espapaçado no cadeirão com o nariz mesmo no croché da avó. Esgueirava-se para a cozinha. Eram os seus encantos a cozinha; a Alzira a contar-lhe coisas muito engraçadas que faziam rir, e brejeirices que o faziam corar...

Naquela noite, Adrião foi-se deitar no quarto da janela verde, revoltado contra eles.

Meditava na *traição* da avó e no *riso* do abade... Sim, traição!

... A *velha* tinha-o surpreendido com

os dedos na marmelada. A marmelada estava a secar na janela do canto, ao pé da floreira. E ele não pôde mais: meteu-lhe os dedos...

Fugiu. Correu pela escada abaixo.

Mas a avozinha, do patamar, a sorrir-se, muito amiga, com a mão a acenar-lhe:

— Driãozinho, meu filho! Não te faças mal, vem cá. Vem à avozinha, meu menino, vem cá!...

E sorria, sorria, num ar tão doce (como a mamã, às vezes, quando ele tinha febre) num sorriso tão bom que a ruga desaparecera.

E sempre a dizer:

— Driãozinho, meu menino...

Então ela perdoava? Ela compreendia quanto a marmelada é uma tentação?

A criança comovida subiu a escada e veio, muito submissa, cheia de uma gratidão infinita, acolher-se nos braços da sua avó. A imagem da avó tremia nos seus olhos embaciados por uma lágrima...

E foi então aquela *traição!*...

Ah! Nunca havia de esquecer aquela ruga negra que reapareceu num instante, como a ventania.

Aquelas pancadas da avó, aquela *velha*, e aquele riso do *padre*, nunca, nunca mais os podia esquecer!

Sentiu um ódio, um ódio crescer-lhe no coração...

E teve medo de o sentir.

Deitou-se com os dentes cerrados, angustiado. Sentiu um amargo e um vazio dentro da alma.

Ficou-se a olhar, a olhar a escuridão, inteiriçado, num silêncio terrível.

Arrapanhava os lençóis de linho numa contração...

...

E foi então que Alzira chegou. Veio devagarinho, pé ante pé.

— Driãozinho, Driãozinho...

Pegou-lhe na pobre cabeça a escaldar e beijou-o na testa na face, nos cabelos...

— Driãozinho, meu menino...

E a beijá-lo, a beijá-lo...

Ele então, não pôde mais: soluçou num grande choro, enlaçado nos braços da sua amiga...

E confundiram as lágrimas numa só emoção.

...

Ele foi sossegando, a cabeça recolhida no peito dela.

Depois, recomeçou num pranto sacudido. Sentia a boca da sua amiga, tão quente a secar-lhe as lágrimas...

Abrandou o choro. O seu peito vibrava mais fundo, a espaços, em soluços distantes.

Foi serenando. Sentia um bem-estar, uma felicidade imensos.

Tinha uma amiga! Uma amiga que o beijava enternecida.

Sentia-se adormecer num sono de uma doçura infinita. Não se lembrava de um adormecer assim...

E ela beijava-o, beijava-o...

Dizia-lhe palavras muito doces, sem sentido. Ele não as entendia mas sentia-as. Sentia os lábios de Alzira...

Era um prazer, uma emoção de todo o seu corpo.

E ela a beijá-lo, estremecia, e quási o sufocava...

Então, sobre o seio da sua amiga, Adrião foi adormecendo, num sorriso humano de felicidade...

QUADRAGÉSIMO SEGUNDO

— Eh, malta! Eh! Eu sei uma figueira.
Carregadinha!

...

— A do passal, do abade. Eh!...

E foram. Adrião ia à frente, ao pé do Chico.

Meteram pelos quintais, por trás da igreja. O Chico ia à frente.

— Pss! tu ficas aqui a ver... Toma tento na moça.

— Tu, Manelão, vais ali para aquela arranca... — vês? aquela, no meio das folhas...

— Eh! O-da-Ponte. Raios te partam!
Tu, olha bem! Pões-te a ver se toscas o

padre... Não percas d'ôlho a porta da sacristia... O gajo está lá, hein?

— O Drião fica a cavalo no muro, a ver ao longe... Anh?... Ficas no muro!

— Eh! vocês aguentem!

E o Chico transpôs o muro, a deslizar por entre a folhagem da enorme figueira.

Os pingos-de-mel iam passando para o garruço do Chico,

Adrião, de mão a fazer pala na testa, franzia a sobancelha a ver ao longe.

O-da-Ponte metia os olhos muito abertos pela sacristia dentro. Quási desejava que o abade aparecesse, para dar um dos seus belos assobios, estridentes, formidáveis, que até o *padre* se havia de assustar!

...

Ah, estava ali *um* naquela pernada... torcido... picado dos pássaros...

E outro, e outro...

O Chico atafulhava os bolsos, metia-os entre a barriga e a fralda da camisa, a fazer de saco.

Adrião, encavalgado no muro, teve ideia. Olhou mais uma vez ao longe. Nah, não vinha ninguém. Uma ideia...

— Um malandro, aquele padre!...

Detestava-o! Havia de se vingar de tudo. De tudo!

Lá ao longe não vinha ninguém.

Deixou-se escorregar no quintal. Tre-pou à figueira e foi ter com o Chico. Encheu a barriga de pingos-de-mel, ali mesmo, a encarar a porta da sacristia, num desafio!

QUADRAGÉSIMO TERCEIRO

— Eh, malta! Eh!... berrava Adrião na torreira do meio-dia. — Eh! Vamos à velha!

E, nessa tarde, comandava um assalto à vasta figueira lampa do quintal da avó.

QUADRAGÉSIMO QUARTO

O abade andava desgostoso:

— Esta canalha!... Esta canalha dá-me cabo dos figos, de tudo!

E com o guarda-sol de linho cru, apontava na direção do quintal, a fazer gestos bruscos, a espetar a atmosfera:

— Ali, Eleutério. Ali. Pisam-me tudo: o cebolinho, o alfobre...

E num gesto de desânimo:

— Até os figos, Eleutério! Olha que até os figos!...

Sacava do vastíssimo tabaqueiro es-carlate, a limpar grossas bagas de suor, a bufar muito, a arfar, congestionado.

Eleutério, antes da farmácia, antes de casar, tivera umas ideias.

Umas ideiasitas como ele dizia a sorrir, a encher a peitaça de muito ar.

E logo ajuntava com ares de sinceridade recalcada, em súbita liberdade: — Umas ideiasitas... Umas ideias!... Ah, que se não fossem os filhos, a família... a farmácia... Vocês haviam de ver... Olarila, vocês haviam de ver!

Contava então umas terríveis cenas revolucionárias, em Coimbra, nos seus tempos...

— ... E eu, quando os vi, de chanfallo, não pude conter-me: atirei-me para a frente:

— Viva a República! Viv'óóó...

Eleutério, um pouco exaltado, terminava com a eterna afirmação:

— Olarila, tinha umas ideias! Isso é que tinha! Olarila!

...

Foi por isso que o farmacêutico, sentindo um assomo de justiça social, uma reminiscência das ideiasitas de Coimbra,

enfim, daquele heroico «Viva a República!», tão cheio de desejos e promessas, encarou o abade, e, sem grande convicção, clamou:

— Abade, que me diz! São pobres, são esfomeados, é preciso repartir os figos!...

(Lembrou-se de dizer: *destruir os muros*; mas não quis ir tão longe).

E acrescentou, solene, muito virado para o abade, com um dedo em pontaria, carregado de ameaças:

— Lembre-se; lembre-se: Liberdade, Igualdade...

Mas não acabou... Lembrou-se: era o abade, o abade João Vouzelas.

— Prudência! — aconselhou o boticário a si mesmo. — Prudência!...

E calou-se a remexer os bolsos, num gesto familiar, a tilintar moedas.

— Olá, meus amigos! — exclamou o Dr. Rezende, parando a cumprimentar.

— Olá, Eleutério. Como vai, abade? — E mudando de tom:

— Então, que me dizem! Hein, abade. A guerra na Abissínia. Que me diz a isto? Um país católico a atacar uma nação cristã! Hein, abade! A lançar gases... Gases!...

Mas o abade não percebeu, não podia perceber:

— Deixe-se de guerras, doutor; deixe-se de guerras... O que há é que o seu filho é tão bom como os outros...

Qual Abissínia nem meia Abissínia — o meu quintalinho é que sofre: o cebolinho, o alfobre, a figueira...

E contou-lhe tudo.

Que o Adrião ainda era pior do que os outros, os sem eira nem beira...

— Um rapazinho que tinha obrigação... Sim! tinha obrigação de ser respeitador, honesto... Boas famílias... Parece impossível!... Parece impossível, doutor!...

.....

— O quê! O Adrião!... Ah, ele é isso!...

Num momento, passou pela cabeça da criança, uma por uma, cada fase dos assaltos...: O muro, a moça, a porta da sacristia... Os figos retorcidos a ri-rem-se em cima da figueira... o Chico... Tudo!...

— Que fizeste tu, Adrião! Não avalias... não supões, não imaginas...

...

Apareceu-lhe no cérebro, muito enge-lhada, a cabeça da avó a sorrir-se, (como a mamã quando ele tinha febre): «Drião-zinho, meu rico menino... Vem cá!...»

E negou! Negou!

Se não fosse uma jura tão terrível, teria dito mesmo ali, a olhar muito para o pai:

— Eu seja cão!

Nos dias seguintes o abade João Vouzelas, muito indignado com a mentira de Adrião, berrou para a Angelina, a moça, terrificada:

— Hei de apanhá-los! Hei de apanhá-los! O filho do Rezende (dizia Re-

zende com muita verrina) há de ser o primeiro! Olá se há de!...

E meteu-se na sacristia muito sorrateiro, de cócoras, a espreitar a figueira detrás do vestiário...

QUADRAGÉSIMO QUINTO

A D. Eulália vinha muito indignada com aquele facto.

— Que não podia ser; que era uma coisa por demais!...

E começou a relatar tal qual o sucedido:

— Ah! D. Micas, nem calcula como eu fiquei, quando vi aquilo na fechadura, no buraco... Um nojo! Nem calcula...

De facto, não calculava. As senhoras pararam o croché e ficaram-se a olhar, com o fio de lã em volta do pescoço.

E a D. Eulália recomeçou a explicar, muito sacudida.

— ... *Das* de cabra, Aninhas... Uma *bolinha*, D. Micas: das de cabra!

— Ah! — exclamaram, num espanto.—
Então ele fizera uma coisa dessas, na fechadura...

D. Ana levantou-se muito afogueada:

— Que um filho assim era uma desgraça; só lhe dava desgostos, inquietações... Nem sabia o que lhe havia de fazer... — e bebeu um golo d'água, num suspiro.

...

— Sim, que também andar sempre a bater nas crianças torna-as malhadiças, rebeldes — lembrou a D. Micas.

Adrião quando ouvia aquelas palavras *malhadiço*, *rebelde*, era uma satisfação: e fingia sempre que não reparava (eles podiam nunca mais as dizer, se vissem que lhe interessava: e todavia eram uma consolação, eram a sua esperança). Ficava agradecido aos que reconheciam o perigo de bater.

E pensava exercitar-se, transformar-se, fazer-se malhadiço. E muitas vezes já, cerrava os dentes, estoico, e sem uma lágrima recebia as pancadas.

Que vontade de chorar, de chorar... Mas

era preciso resistir, fazer-se malhadiço!

A D. Eulália, todavia, não acreditava em rebeldias. E remontava ao tempo da mamã e ao seu próprio tempo para mostrar como a educação era *outra*.

Entretanto, chegava o Camilo Recebedor. Logo comentou, muito voltado para a D. Eulália:

— Tempos de violência, minha senhora. Hoje os métodos são outros... Sim, são outros — e meditando um momento — são outros, realmente.

E então recordou aquela conversa, em Coimbra, com a D. Patrícia e o marido, que tinham agora um filho, o mais velhito a estudar no colégio. Que ficara muito bem impressionado com o que lhe dissera a D. Patrícia. Muito bons métodos seguidos no Colégio de S.ta Terezinha, colégio de educação moral. Uma educação muito boa, muito sã.

E explicava, então, como aquilo era: como vinha o remorso, como se despertava tão nobre sentimento na criança:

— Olhe, D. Ana, tira da gavetinha

uma linha bem comprida: e, numa ponta, ata em duas voltas a perna do seu filho, do Driãozinho, enfim do menino a educar; na outra ponta faz uma laçada e prende a linha à perna da mesa...

.....

Adrião estava espantado com aquela ideia.

— Se a partes, — dissera a mamã, com a mão a ameaçar — se a partes, vem-te o *remorso*, sentes logo o *remorso*!

E Adrião ficara ali, atado e preso por uma linha branda, com aquela palavra esquisita — o *remorso*, a esvoaçar-lhe na cabeça. E não percebia!

Pôs-se a examinar a linha. Era fina: podia rebentá-la. Era só ele querer! E puxou a perna devagar, a experimentar, a esticar a linha, numa tentação.

— E o *remorso* — pensou. — O *remorso*! Que seria aquilo? Concerteza alguma coisa de mau, de perigoso... porque bastava partir a linha, e zás, vinha o *remorso*!

Depois, virou-se de barriga para baixo:

pôs-se a olhar um carreiro de formigas. Aquilo interessou-o. Nunca tinha, reparado bem naqueles bicharocos.

Eram formigas rabigas, umas atrás das outras. E as que vinham do apara-dor, do canto, traziam a barriga inchada, castanha, quási a rebentar.

Tocavam os cornichos uns nos outros, as de cá e as de lá.

Aquelas barrigas... pareciam mesmo de mel.

De repente deu com à mão ria testa:

— Olá, se era. Vinham do armário, o do canto, onde ele estava, na tijela de risca azul... Ah, que se não fosse o re-morso, ele também, lá ia! Tirava a gaveta dos guardanapos, metia a mão, e chegava à prateleira, ao sítio... Depois era só chupar os dedos, os dedos a pingar, a escorrer mel...

A janela, ao fundo, chiou, desandou e um fio de brisa começou a entrar. Ficou um pouco de céu à mostra, e o sol andava lá fora a saltar de folha em folha, em cima do arvoredor.

De repente um assobio entrou. Era o Chico.

No corredor vinham os passos da mamã: deitou a cabeça, de chapéu posto. Sorriu, desandou, e Adrião ouviu a porta da rua bater atrás da mamã.

Entretanto, pela janela, entrava de novo o assobio, e vinha mexer-lhe os nervos. Se não fosse o remorso!...

Ficou de cócoras, correndo a mão sobre a linha, a pensar...

Decidiu-se. Lançou um ombro debaixo da mesa, ergueu-a em peso, e puxou a linha. Correu à janela, desceu, e, com a linha no bolso, enrodilhada, foi saltar o eixo.

Depois, foi o fito, a malha, a bilharda. Foi mesmo ao ninho, no amieiro da Poça Funda, ver os ovos sarapintados do *seu* verdilhão.

Depois voltou. Passou à porta da D. Eulália. A porta lá estava, mas a redonda caganeta de cabra já lá não estava, no buraco da fechadura!

E meteu-lhe outra.

Vinha contente, vinha alegre, a cantar um desejo de viver.

De súbito, pensou: E o remorso?

Olhou à roda suspeito, e pôs-se a ver se sentia, a ver se descobria alguma coisa de novo, de mau, de perigoso... Mas, não. Nada!

E, então, levantando outra vez a mesa enfiou-lhe na perna de pau a laçada corrida na ponta da linha.

Daí a pouco dormia, sereno, debaixo da mesa, ao longo do carreiro das formigas...

QUADRAGÉSIMO SEXTO

O sacristão era um velhote com muita prática de campanário. Repicava como ninguém, com um certo sentimento, que ia muito bem nos casamentos e batizados.

À tardinha, depois das trindades, a Ti Maria Sacristôa ficava sentada na soleira da porta a ensinar a Doutrina; enquanto o seu homem entrava nos copitos, ali no Almiro da esquina.

Preparava os garotos muito a rigor para a primeira comunhão.

Era exigente: lá padre-nossos, avés e a confissão tinham que os saber a preceito, na ponta da unha.

Às vezes, entrava também um pouco na Formação do Mundo, nos mistérios da Criação.

— Ora diz lá tu — apontava ela com a cana da índia — diz lá como foi isso do princípio... O que é que fez Nosso-Senhor no sétimo dia, à tarde?

...

Adrião começou a frequentar a Doutrina de sua livre vontade. O Chico ia; ia O-da-Ponte, ia a Miquitas, a Rosa Pichola, o Manelão, a Amélia... Iam todos e ele ia também.

Sentou-se num lugar da roda, na pedra do Chico, muito chegado à Rosa Pichola.

A velha não o conhecia, naquele meio escuro do entardecer.

Todos eram vultos que repetiam mecanicamente padre-nossos, avé-marias, com umas luzes do que acontecera nos Primeiros Tempos. Mas a velha Sacristão tinha um ouvido finíssimo, e em menos de um credo tomava-os de memória.

Adrião achava aquilo interessante. Passar o resto da tarde ali, sentado co' a maltósia: e mesmo à beirinha da bo-

nita Rosa Pichola... E era tudo fácilimo, muito melhor do que na escola.

Ele espantava todos pelo seu à vontade nos padre-nossos e avés (já os sabia de há muito, das lições da avó!)

Ali não havia livros nem cartilha. Era tudo de cabeça.

A velha entoava de uma voz soturna as rezas e orações, e, eles, todos à uma, seguiam-na a meia-voz.

Depois, entrava a vara em ação, quando de alguma falha, lapso de memória, ou burrice chapada.

Não perdoava os menos dotados de «inteligência».

— Não, lá isso... — e espalmava a mão na frente do peito.

Adrião sentia-se ali muito melhor do que na escola.

Pedia:

— Ti Sacristôa, deixe-me ir debaixo da ponte!

E ia. A Sacristôa deixava sempre ir cada um às suas necessidades.

Adrião andava a gostar da Rosa. Tinha-a na conta de mulher perfeita e bastante jeitosa para um futuro casamento.

A Rosa entrava apenas na puberdade e achava Adrião demasiado jovem. Felizmente que uma súbita virilidade do menino provou à Rosa quanto ele era *homem*.

Disse, muito a tremer de emoção:

— Rosa, queres casar comigo?

Ela riu-se:

— Pra quê?...

— Pra quê?... — repetiu o menino surpreso...

Depois, afirmou, numa súbita inspiração:

— Pra quê! Rosa... Pra que sim!...

Ela ficou vencida, e ali mesmo, debaixo da ponte, ao lusco-fusco do entardecer, resolveram casar.

Todas as noites ao sol-pôr, em círculo, à volta da Sacristôa, o menino olhava Rosa e ambos se lembravam da *promessa*. Quási cuidavam, às vezes, que já andavam casados.

QUADRAGÉSIMO SÉTIMO

Naquele anoitecer luminoso de primavera, Adrião tinha olhado mais uma vez a menina e ambos pensaram:

— Queres casar comigo?...

— Sim!

Já não faltava muito para o grande dia da procissão branca, em que eles iriam comungar.

Todos temiam aquela prova difícil, de uma responsabilidade muito exagerada pela Sacristôa. Era preciso saber muito bem a Confissão.

— Confissão; Eu pecador me confesso...

E o Exame de Consciência? Isso era pior. Era o mais custoso!

A velha insistia muito naquele ponto.

Como recordar todos os pecados em dez anos de vida? Dez anos! Uma eternidade para Adrião, para o Chico, para a Rosa...

Se não fosse o Inferno, o Diabo, a Forquilha, seria muito fácil a vida! Seria muito fácil esquecer — até de propósito! algum pecado, falha ou mau pensamento.

Mas, assim, com a certeza dos caldeirões a refter, das forquilhas aguçadas (quem sabe se empeçonhadas mesmo com ervas más?).

Era muito grave. Era uma tortura angustiosa.

Adrião vinha a pensar muito naquilo, numa expressão carregada e distante.

O Chico então, vinha com uns ares de mistério, de coisa importante a resmoer-lhe lá dentro.

Até que não pôde mais, atirou à queima-roupa:

— Eh! Vocês sabem como nascem os filhos?

Fez-se um silêncio cheio de interrogação. Um silêncio perturbado, de uma curiosidade primitiva.

Um círculo de olhos redondos, de bocas frementes, fechou-se sobre o Chico.

— ... Foi o Caio da Ponte que me contou...

O Casimiro da Ti Ana atalhou:

— Eu sei! É pelo umbigo!... Andam na barriga, e, bjj!...

O Chico riu:

— Qual umbigo! Isso é patranha! É mas é pela *coisa* das mulheres, pela...

Foi um assombro!

— O quê! — exclamou Adrião — Pela... — e corou.

...

— Não acredito!

— *Isso é pra mijar!*

— Eles andam na barriga e saem pelo cu! — afirmou O-da-Ponte. — Olarila, saem pelo cu!

O Chico zangou-se, berrou, barafustou contra aquelas hipóteses absurdas, sem base séria, sem uma autoridade a

confirmar. E o Caio era um espertalhão... Sabia tudo. Estava quasi a entrar nas sortes! E o que ele dizia era certo...

— Certo! — gritou o Chico.

— Certo! exclamaram outros, muito graves.

— Seria verdade? — pensava Adrião, agitado.

Ele conhecia o Caio. Era de facto um tipo que sabia muito, dizia as coisas sempre com um ar de verdade que impressionava.

Era o Caio, o que sabia muito, quasi a entrar nas sortes...

— Seria verdade?

Mas era terrível, se fosse verdade!

Adrião sentia desmoronar-se todo o seu edificio da vida.

Aquilo perturbava tudo, tudo! Alterava *todas as coisas*!

— Seria verdade?

... O Caio sabia tudo... A entrar nas sortes... Tinha andado por Coim-

bra... E namorava... Pois: ele namorava! A Miquelina...

E Adrião lembrou-se então que também *namorava*... A Rosa... Eles tinham prometido casar.

Eles poderiam ainda casar?... Não, repelia tal ideia, quebraria a promessa, a *sua promessa*.

— Seria verdade?...

Ah, agora compreendia o que era o casar!... os filhos... o casamento... as barrigas...

— Era infame!

O Chico explicara bem como aquilo era... A esfurancar, a esfurancar, e os filhos depois a aparecer, a nascer *daquilo*!

— Era horrível!

Repugnava-lhe a ver a sua mãe, à hora do jantar, a comer, muito cínica, muito tranquila!...

E quando eles fossem logo deitar-se, na cama, de noite... Era horrível, horrível!

E todo aquele prestígio que seu pai,

sua mãe e toda a gente tinha ainda à sua volta, ruiu num instante.

Sentiu-se envergonhado por todo o mundo. Sentiu subir-lhe ao rosto a vergonha, a degradação da humanidade inteira!

QUADRAGÉSIMO OITAVO

Os meses desandaram no tempo.

Adrião vinha pelo caminho da Patuda, apressado, a olhar muito à roda. Vinha de um assalto aos pêsegos temporões do Eleutério. Trazia-os anichados entre a fralda e a barriga.

De vez em quando, dava um gesto à cinta, enchia a barriga d'ar para manter a fruta em sossego.

Ah, aquele escorregou, pela falda, muito manso, e foi-se alapar nos fundilhos.

— Ora o raio! — rosnou Adrião.

E, ali mesmo, foi-se às calças, deitou-as abaixo e recolheu o fruto. Medi-

tou um momento, depois, começou a rilhar o pêssago, muito peludo, vermelho e temporão.

— Este era de boa pinta — dizia-se o menino. E guardou o caroço.

Havia de semear aquela semente boa, mesmo debaixo da janela do seu quarto, entre os pés do alfobre.

E Adrião pensava seriamente acabar com os assaltos (sobretudo aos pessegueiros e sobretudo os do Eleutério) quando a *sua* árvore estivesse em condições... Havia de ser uma árvorezona a deitar pernadas, a crescer por ali acima, com uma arranca mesmo a entrar-lhe pela janela dentro!

— Nah! Tinham de acabar aquelas roubalheiras: — quando a árvore vigrasse, debaixo da janela, tinham de acabar as roubalheiras...

E decidiu entretanto, que o melhor seria dedicar-se mais à figueira do abade: o estupor do cão do Eleutério era perigoso! e o *seu* pessegueiro havia de botar pernadas em breve...

Adrião foi andando a ruminar ideias. Bela fruta! Se não fossem os pessegueiros do Eleutério, a figueira do abade...

Entrou no tronco furado do velho chorão, tão seu conhecido.

Trepou no interior, subiu pelo braço do nascente e encheu dos belos frutos reboludos um recanto, lá muito no fundo, onde só um braço magro cabia.

Era ali a fruteira da súcia.

Adrião deixou um pêsego dos mais graúdos no fundo da algibeira para as suas necessidades imediatas.

Depois, num equilíbrio de todo o corpo, passou à pernada poente, muito oca, muito cheia de escuridão e de cofres desconhecidos no interior da madeira. O mais recôndito, com um buraquinho invisível, mesmo de mijangra, era a burra secreta e pessoal de Adrião.

Afilou muito os ossos da mão e meteu-a, palpou os objetos que só ele sabia. Estavam lá todos, muito no fundo, debaixo das ervas secas ali a dissimular.

Depois, o menino enfiou a cabeça

num janelo do tronco e assobiou três vezes, ao largo, num silvo muito agudo.

Logo apareceram de entre o canavial, do lado da Ribeira, duas cabeças desgrenhadas a espreitar. Vieram de corrida.

E Adrião do postigo da árvore, susurrou em voz misteriosa:

— Já cá cantam!...

QUADRAGÉSIMO NONO

Adrião andava contente.

Iam de comboio para uma terra muito longe, onde havia uns primos e primas e onde morava o tio Alberto.

Já nem se lembrava daqueles primos. A mamã dizia que eram bonitos e muito mais ajuizados do que ele.

— Tu não serves para nada. Não fazes coisa de jeito — dizia a mamã, na véspera.

A D. Eulália, o Dr. Almeida e o Nunes ouviram e riram: «acharam graça»!...

Sentia-se envergonhado, vexado, com um calorão na cara, a subir... Era sem-

pre diante dos *outros* que lhe ralhavam, que faziam pouco. E os *outros* riam, achavam, graça, ou então diziam com uma cara estúpida:

— Coitadinho, coitadinho!...

— Os teus primos, sim! Esses, sim!

— repetia a mamã.

Quási chorava de dor e de raiva: sentia as lágrimas a refterver...

Retirou do seu *sítio* no chorão, os objetos mais importantes para se impor aos primos. Os botões mais famosos, de cores e raros feitios, ganhos no chinca-lhinho; dois piões de buxo e a pitorra com um belo prego amarelo do cadeirão, espetado na cabeça; um frasquinho vazio, muito facetado, que ainda dava um cheiro muito bom (todos os seus amigos o conheciam: chamavam-lhe *o vidrinho de cheiro*).

Também as duas esferas de pirolito lá iam no fundo do bolso para o que desse e viesse, para as grandes competições de croque e de berlinde com os primos.

O comboio deu um grande apito e começou a andar: Tchuca, tuc! Tchuca, tuc!...

A Maria, de lenço no ar, acenava. Do chefe da estação só se via o boné, depois a bandeirinha, depois mais nada...

Daí a pouco mal se via, por cima das oliveiras o telhado de Rampagodos, muito musguento, manchado das cores que os líquenes e arroz-de-telhado tomam no verão.

Os postes de telégrafo corriam à desfilada. Os dois eucaliptos esgrouviados do Cabeço da Velha fugiam para Rampagodos.

Passaram um túnel de meter medo; era escuro e comprido. De repente, caiu tudo em luz e foi a outra banda da Serra. Depois, foi outro túnel e outro.

Nos campos andavam as cachopas de lenços coloridos na cabeça a guiar de vara ao ombro grandes bois amarelos.

Paravam um momento adiante dos gaipos a saudar o comboio.

Os garotos, galhofeiros, faziam fus-

quetas para Adrião de cima das figueiras.

— Ih! tanta figueira!

Tinham sorte aqueles garotos com tamanha riqueza em figos! E o menino calculou que não devia haver concerta abades naquela região.

Logo meditou que quando fosse grande havia de deixar a casa de Rampagodos e vir habitar aquelas terras tão férteis em pingos-de-mel, regais e outras qualidades.

Lá adiante rebrilhava um rio. Era largo. Havia grandes ilhas de areia e os barcos de vela singravam em vias sinuosas.

O comboio entrou na ponte. Um ar fresco passava de lado a lado as carruagens. Lá em baixo, na água, ia um homem de vara no ombro, curvado, a empurrar um comprido, barco de proa alevantada.

Ao longe, entre montes arroxeados da urze, o rio desaparecia numa curva. Parecia nascer ali.

Depois eram vinhas folhudas a escalar as encostas. Mais além, magotes de sobreiros em roda, de troncos cor de tijolo. Ao cimo do olival, em tabuleiros, dois pinheiros mansos, especados, de vasta copa, davam no ar belos tons de verde.

Por entre mato e folhagem surgiam rasgões de terra fulva tostando ao sol.

Nos vales mais fundos, entre grossas penedias, sentia-se um ar parado, morno, que sufocava a garganta e requemava os bitoiros.

No espaço, andavam cintilações a referver; cores difusas de calor magoavam as pupilas. Subiam no ar vibrações de fogo.

Por montes e vales a paisagem ondulava até ao horizonte.

Adrião recolheu a cabeça da janela, afogueado, e bebeu um golo da garrafinha de viagem. A mana Balau quis beber também e perguntou se ainda era longe.

O papá chegou o nariz ao postigo; apontou:

— É ali!

QUINQUAGÉSIMO

Daí a pouco, iam todos na jardineira do tio Alberto. Atravessaram as ruas da aldeia. Andavam no largo, defronte da igreja, uns garotos a jogar o fito que eram mesmo os de Crispim. Olha! aquele agora a deitar a malha, a ganhar os botões, tal qual o Manelão. Até tinha o rasgão nos fundilhos pregado com o alfinete.

E Adrião não se conteve. Berrou em grande satisfação:

— Papá, eh! olhe o Manelão!... O Manelão a jogar o fito!...

O papá nem respondeu, sempre de conversa com o tio Alberto. Este é que perguntou, sorrindo:

— O quê! Ele conhece algum deles?

— Deixe-o, Alberto... uma criança! — disse a mamã.

Adrião ficou triste. Não quis olhar mais coisa nenhuma. E *eles* sempre a conversar em coisas mesmo sem graça nenhuma! Só falavam da tia, da avó, do Fernandes, do azeite, de Rampagodos, das crianças...

— Raios partam as falinhas!

Aparearam-se debaixo de uma latada no grande pátio da entrada.

Já lá estavam os primos, as tias, as primas, que encheram de muitos beijos a cara de Adrião e da Balau. E diziam todos em grande confusão de vozes:

— Ai, que lindinhos, que gordos, tão crescidos!...

— E este menino como se chama? — perguntou uma tia.

Adrião tirou de repente os olhos da fontinha a correr água para o tanque: nem sequer sabiam o seu nome! Sentiu-se vexado.

— Ah, não sabiam! Pois não seria ele quem o diria! — e cerrou os beiços, calado.

Entretanto ia observando os primos. Aquele era o Joãozinho: punha-o de lado — não tinha medo! O Zéquinha fazia-lhe assim... (No ar torcia um pescoço) — e pronto!

O Manecas era pior.

— O tipo é de força — ruminou Adrião um pouco inquieto.

Só à lapada! Levou a mão à cintura: a fiska lá estava.

As primas eram bonitas. Eram três. Sobretudo a Nélinha!... Uns caracóis, uns caracóis a descer por ali abaixo...

E, nessa tarde, ao jantar, Adrião olhou muito a prima Nélinha.

No dia seguinte, pela manhã, foram pelas vinhas debicando alguns bagos a pintar.

À tarde, chegaram da quinta da Lapariça o Carlos, o Carlões, o Carlapatões e a irmã.

A Mimi da Lapariça era engraçadinha,

com um grande laçarote no cabelo, e sempre a rir-se muito.

O Joãozinho chegou-se ao ouvido de Adrião e segredou:

— O Carlos namora a Nélinha, sabes? São de Lisboa. Tem muitos soldados de chumbo e aeroplanos que fazem vzz... e vão pelo ar.

Era verdade. Lá estava a Nélinha a rir-se para o Carlões. E ele muito sério a olhar para os caracóis!

— Ah, Carlões dum raio!

— O que é que tu dizes? — perguntou Joãozinho.

E Adrião rilhou os dentes, furioso, e carregou a sobancelha.

Foram pelos campos a correr, aos gritos, às gargalhadas. Treparam pelas árvores, calcaram' os milhos, espojaram-se na relva, a rolar, a rir, a gargarhar.

Adrião não se sentia à vontade com *aquela gente*. Apeteceu-lhe por mais de uma vez, atirar-se ao Zéquinha, ao Manecas. Carregou nos bolsos, à cautela

umas tantas pedras reboludas, e trazia sempre à mão o atira.

O Joãozinho vinha muito corado a correr:

— Queres ver, queres ver? ali, no ri-beirão... — e puxou Adrião pela manga.

Foram muito devagarinho, de rojo, a espreitar...

— Oh!!! — Fez Adrião tapando a boca, redonda de espanto.

E viu, então, assombrado, o Manecas estendido na relva e aos beijos, aos beijos com a Mimi...

Ela ria-se devagarinho, muito corada... De repente ergueu-se e desapareceu numa fuga. O Manecas correu atrás dela:

— Mimi, Mimi!...

Adrião com os olhos muito abertos, encarou Joãozinho.

Ele riu-se:

— São os forninhos... Eu ensino-te!

E explicou:

— Olha, assim... assim... Depois, assim... e dás-lhe um beijinho na

cara... E ela dá-te outro beijinho... assim...

Mas, de súbito, Joãozinho calou-se e pôs o dedo na sobrancelha a pensar...

— Eh, eh! Mas eles estavam sozinhos a fazer forninhos!... Assim não vale, assim não brinco! Vou contar ao Carlões, ao Zeca, à Nélinha...

QUINQUAGÉSIMO PRIMEIRO

As semanas iam passando e já os marcotões amaduravam.

Naquela tarde, andava um calor intenso na atmosfera. O papá, o tio Alberto, a bufar muito, a ler os jornais, espapaçados, estavam imóveis nos cadeirões de balanço.

— E esta guerra! hein, ó Francisco! Pff! um calor destes...

D. Ana e a tia Josefina andavam a prolongar umas rendas de ponto Richelieu. A tia Ema, casada com o tio capitão, andava a trabalhar uma complicadíssima renda de bilros.

Conversavam em voz baixa, numa

quebreira, a suar muito, sem olhar as agulhas.

Falavam da velha D. Eulália, do abade Vouzelas, das criadas tão exigentes.

— E descaradas!... Umas sem-vergonha com os namoros — disse a tia do capitão.

— Ah! em Lisboa, são impossíveis!... É o cabelo cortado que lhes deu volta!

Na grande loja assobradada ia uma grande balbúrdia.

Estava ali um fresco de apetecer.

Os meninos andavam em grandes correrias, ao eixo, ao esconde-esconde detrás das pipas, aos reboções.

Jogavam no chão as abóboras porqueiras e empurravam-nas a embater no arcão do milho.

A Nélinha saltou para dentro do arcão e deitou às mãos cheias o grão, que lhe escorria pela cara, pelo corpo. Era uma volúpia.

O Carlões deu um piparote no Zéca que o fez cambalear de encontro à pipa.

Mas o Zéca levantou-se, e, num gesto rápido, lançou-lhe um carolo à cara. En-galfinharam-se. Caíram; e Carlões socava o nariz do inimigo.

Elas gritavam, e gargalhavam; e o nariz, do Zéquinha já sangrava, quando Adrião, da última prateleira do grande armário, viu tudo. O despeito, o amor pela Nélinha, o altruísmo despertado por aquele ódio, subiram-lhe ao rosto.

— Ah, Carlões, ah malandro! e jogou-se de um pulo na batalha.

Carlões cresceu contra o novo adversário. Era muito mais forte: só temia o Manecas. Atirou-se contra ele, para a frente, com todo o peso do seu corpo. Adrião evitou o golpe, e, com um movimento de todo o braço, do ombro, lançou-lhe à cara um tremendo soco.

Carlões rolou. Ergueu-se furioso, e outro soco o atirou de encontro ao arcão. Nélinha estava suspensa, estática, com os olhos redondos: e grãos de milho rolavam-lhe ainda de entre os dedos...

— Eh! Eh! — gritavam todos — Pron-

to, pronto! Ganhou Adrião! Ganhou Adrião!

O olho do Carlões inchou e Nélinha riu-se. Ele sentiu mais aquele riso do que o olho a inchar.

— Eh! Eh! Vamos brincar aos casados! fazer forninhos!

— Eh!... Eh!... Vamos!...

Adrião formou logo um pulo para dentro do arcão. Carlões correu mas viu-lhe a fisga à cinta e, sentiu o olho a resmoer, a doer...

— Ah, sacana!

— Pagaste-as! — rosnou Adrião.

E, abraçado à Nélinha, rolaram em cima do milho...

QUINQUAGÉSIMO SEGUNDO

Os dois bandos estavam frente a frente.

O Chico, à testa dos seus, armado de uma enorme físga de forquilha de ferro, andava de pé ligeiro, mantendo a disciplina. Aquilo, na mão do garoto, era uma arma temível. Era imbatível em pontaria, e em arrojo ninguém lhe levava a melhor. Acertava na sineta da capela a mais de cem passos. De um só esticão metia um seixo rolado na fresta da sacristia.

De uma vez, em dia de ventania, estoirou mesmo o cata-vento da D. Eulália, em cima do telhado. De outra vez,

de uma pedra ao acaso e com tal força, esmigalhou o boião da camomilha na farmácia do Eleutério.

O Chico dava as últimas ordens, fazia as recomendações do costume.

Ultimavam-se os preparativos. A púrria ia começar.

O Chico tinha confiança, mas todos sabiam que desta vez tinham pela frente o temível Malhadiço a comandar malta destemida.

Os do Malhadiço eram quási todos da Volta da Costa, muito batidos na calhoadada.

O Zé Pichôrro andava com as seções e o comando passara ao Malhadiço. Todos sabiam que este era muito mais esperto e não menos destemido. Dizia-se mesmo que ele era superior ao Chico em questão de pontaria.

O Manelão era o «Lesma»: transportava as munições, não servia para o combate.

Adrião andava na ala esquerda onde tinha uma certa influência, sobretudo

pelas suas habilidades na emboscada e no assalto inesperado. O-da-Ponte era bom na rasteira, e tinha um excelente golpe de vista.

Do lado de lá só se via o Malhadiço, a dar ordens, a comandar num gesto curto. Trazia dependurada no cinto uma físga de ferro polido, que rebrilhava.

— Eh, pás! — disse O-da-Ponte. — Ele também tem uma de ferro!...

— Ah, filho da mãe! — resmungou o Chico — Arranjou uma igual!

De repente, ouviu-se um largo assobio. Era o sinal. O Malhadiço desapareceu logo por detrás de um montículo.

O Chico com a físga visou aquele ponto. Choveram os seixos reluzentes.

O Manelão e o Carrapaça andavam numa roda viva a fornecer calhaus de toda a espécie.

Dois apitos soaram no espaço! Os do Chico subiram os parapeitos e começaram a deslizar. Aproximaram-se mais. Empurravam à frente alcatrúzes cheios de grandes matacões. Com o

braço faziam um largo balanço e lançavam as pedras em tiro curvo.

Tentavam desalojar o inimigo.

O Chico encarniçava-se naquele sítio onde o Malhadiço desaparecera. Concentravam ali, sobre o montículo, as calhoadas curvas de três dos melhores.

O calor da tarde ia descaindo. No chão, as sombras começavam a alongar-se. Os troncos iam enrubescendo, em tons de fogo e violeta. Soprava uma aragem refrescante do Vale do Mosteiro.

Andavam no ar projéteis e gritos.

Às vezes, caía um silêncio de cilada.

De repente, os do Chico foram apanhados de flanco por uma saraivada contínua. Estavam descobertos, sem defesa.

O Chico ergueu-se de salto e avançou aos berros. Os seus levantaram-se, seguiram-no. Já alguns tombavam, feridos no rosto, nas pernas.

O Chico mantinha-se firme, terrível no ataque. Sangrava. Atirou-se numa corrida louca. A sua arma, no punho,

parecia vermelha de sangue no reflexo do sol-pôr.

De súbito estacou, balançou um instante e caiu de borco.

Os seus começavam a recuar.

O Carrapaço ergueu os braços no ar, aos berros, aos berros e virou as costas ao inimigo. Manelão voltou-se: ia segui-lo. Era o pânico. Era a derrota.

Mas, nesse momento, Adrião apontou-lhe o atira e um seixo redondo bateu-lhe a nuca. Carrapaço tombou. Manelão voltou-se e viu a cara terrível de Adrião.

— Eu não fujo, Adrião!

Logo Adrião deu uma ordem num berro. Todos os seus se lançaram por terra. Depois, quatro dos mais resolutos com Adrião à testa, rastejaram numa longa curva.

E então, passado um momento, todos viram cinco vultos erguerem-se da outra banda aos gritos, aos berros. Logo se ouviu uma estranha sinfonia de latões.

Adrião fez um gesto:

— Eh, rapazes, força!

E todos correram dos dois lados sobre as trincheiras do Malhadiço. Caíram sobre eles, por trás, pela frente, de flanco.

Adrião tropeçou, caiu, e sobre ele tombou o Malhadiço.

— Ah, cão!

Rolaram. O Malhadiço era o mais forte. Adrião, por baixo, sentiu os joelhos do adversário. E então, num esforço supremo, agarrou um caco, e a toda a força rasgou a cara do Malhadiço.

Estava ganha a batalha.

O Chico sangrava de uma gaiba na testa. Abraçou-se a Adrião.

— Eu vi, Adrião. Foi bestial! Essa dos alcatruzes foi bestial!

Tinha sido, nessa tarde, criada uma nova tática nas púrrias de Crispim: os alcatruzes vazios iam à frente, enfiados no punho, protegendo o peito.

Adrião sentiu-se orgulhoso. Todos disseram: a vitória pertencia-lhe.

Ia contente, numa respiração funda, de passo largo.

Entrou em casa esfarrapado, enlameado, de sorriso nos lábios. Tinha ganho. Tinha vencido.!

.....

Mas ai! nessa noite jantou no quarto escuro, apanhou uma tarefa e não teve sobremesa!

Ainda berrou:

— Venci! Venci o Malhadiço!

Ninguém o ouvia. Rilhou os dentes, sem uma lágrima.

E teve medo, medo de ter um ódio àquela gente, à família inteira!...

FIM

Começado e acabado durante o
mês de Outubro do ano de 1940
L I S B O A

Edição original de

1940

—

Tipografia RAMOS

R. Voz do Operário, 8 a 12

LISBOA

